

Maria Filomena de Brito Gomes Rodrigues

**A LITERATURA DE ORLANDO DA COSTA
REFLEXÕES SOBRE UMA TRILOGIA EM TEMPO DE
COLONIALISMO**

Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares

Universidade Aberta
Lisboa
Maio de 2009

*Ao Herlander,
aos nossos filhos*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
1. Contexto histórico-cultural de Goa	14
CAPÍTULO II	
1. Reflexões sobre os romances de Orlando da Costa:	
1.1. <i>O Signo da Ira</i>	27
1.2. <i>O Último Olhar de Manú Miranda</i>	44
2. Reflexões sobre a peça de teatro <i>Sem Flores Nem Coroas</i>	73
CAPÍTULO III	
Análise intersecciva da trilogia literária: <i>O Signo da Ira</i> , <i>O Último Olhar de Manú Miranda</i> e <i>Sem Flores Nem Coroas</i>	90
CONCLUSÃO	98
BIBLIOGRAFIA	99

RESUMO

A obra literária de Orlando da Costa é actualmente uma das poucas, em língua portuguesa, a nos conduzir pelos conflitos sociais e humanos da sociedade goesa durante o salazarismo.

Os críticos literários consideram a sua forma de escrever envolvente e delatora, qualidades sublimes numa obra de intensa manifestação de valores ideológicos e humanos. Realçar essas qualidades literárias e identificar outras foi um dos nossos objectivos.

O Signo da Ira, O Ultimo Olhar de Manú Miranda e Sem Flores Nem Coroas, aprofundam e exploram as memórias da história colonial portuguesa na Índia. A presente dissertação pretende demonstrar a importância histórico-social desta tríade de ficção sobre Goa que o escritor nos deixou.

Palavra-chave: Cultura, colonialismo, drama, Goa, literatura, romance

ABSTRACT

The literary work of Orlando da Costa is currently one of the few, in Portuguese language, to drive us through the social and human conflicts of Goan society during the *salazarismo*.

Literary critics consider his style of writing compelling and informing, sublime qualities in a work of intense demonstration of ideological and human values. To highlight those literary qualities and identify others was one of our objectives.

O Signo da Ira, *O Último Olhar de Manú Miranda*, and *Sem Flores Nem Coroas* deepen and explore the memories of the Portuguese colonial history in India. The present thesis aims at showing the historical-social importance of this triple work of fiction about Goa that the writer left us.

Key words: Culture, colonialism, drama, Goa, literature, romance

RESUME

Le travail littéraire d'Orlando da Costa est actuellement un des peu de, dans la langue portugaise, à nous conduire pour les conflits humains et sociaux de la société goesa pendant le salazarismo.

Les critiques littéraires considèrent sa forme enveloppante et délicate d'écrire des qualités sublimes dans une œuvre d'intensives manifestations de valeurs idéologiques et humaines. Souligner ces qualités littéraires et identifier d'autres a été un de nos objectifs.

O Signo da Ira, O Ultimo Olhar de Manú Miranda, et Sem Flores Nem Coroas, approfondissent et explorent les mémoires de l'histoire coloniale portugaise dans l'Inde. La présente dissertation fait semblant de montrer l'importance historique-social de ce triple fiction sur Goa que l'écrivain nous a laissé.

Mots-clés : Culture, colonialisme, drame, littérature, Goa, romance

INTRODUÇÃO

A presença portuguesa em Goa durante quatro séculos e meio assistiu à singular riqueza cultural de uma comunidade regida por normas administrativas, económicas, sociais e políticas quase autónomas para uma província portuguesa.

Quando os portugueses chegaram a Goa no século XVI encontraram uma realidade cultural, histórica, religiosa e social partilhada com o resto da Índia. Quatro séculos mais tarde, em 1961, Portugal rendeu-se, sem a glória e honra que a História lhe exigia, ao exército da União Indiana. O hibridismo português reservou-nos, no entanto, uma prestigiada influência nos territórios de Goa, Damão e Diu que floresce na literatura, no cinema, na música e em tantas outras manifestações que exalam o cunho lusíada. O relacionamento pós-colonial com Goa, na actualidade, deverá afastar os saudosismos coloniais que encobrem a subalternização dos povos e das suas culturas inatas. Se a língua portuguesa entrou em Goa e «não obstante estranha e “hostil”, era um valor cultural»¹, a nós portugueses, reservou-nos o pós – colonialismo a construção de novos parâmetros.

Orlando da Costa, o escritor que escolhemos para a nossa dissertação, nasceu a 2 de Julho de 1929 em Lourenço Marques. O pai, Luís Afonso Maria Costa, era de origem goesa e descendente de antiquíssimas famílias das mais nobres castas da Índia. Remontam ao século XVI alguns dados que apontam para a conversão desta família brâmane ao cristianismo. A mãe, Amélia Maria Frécheut Fernandes, descendia de uma influente família de Moçambique. Aos quatro anos de idade Orlando da Costa deixou Lourenço Marques atravessando o

¹ Albina Santos Silva, «*Actas do 1º simposium de língua portuguesa diálogo e culturas*», Revista Aprender, viver, crescer, saber juntos nº 4 e 5, p. 120.

Por opção metodológica, em todas as citações que fizemos usaremos o sistema autor – data. As citações da bibliografia activa serão feitas pelo recurso à sigla identificativa da obra e número de página.

oceano com destino a Margão onde viveu até aos dezoito anos. Mostra desde os doze anos interesse pelo violino não prosseguindo contudo os estudos nesta área. Aos dezoito anos vem estudar para Lisboa onde se licenciou em Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras de Lisboa. Terminada a licenciatura professorou no ensino oficial mas acabou afastado por Salazar. Posteriormente veio a dedicar-se profissionalmente à publicidade.

Embora se tenha iniciado como escritor na poesia, passou também pela dramaturgia mas foi no romance que mais se evidenciou. Entre críticos literários e amigos são vários os testemunhos das suas qualidades humanas e literárias. Pela ocasião do seu falecimento o *Diário de Notícias* retratou com simplicidade e profundidade a pessoa e o homem das artes que evidenciava ser:

Apaziguador no uso da palavra, não alheado da acção cívica, pulsa na sua obra uma consciência social e política lado a lado com um olhar minucioso sobre o coração dos homens nos seus amores e desamores, na alegria, no sonho, no deserto da solidão.²

Apreciado pelo seu estilo envolvente e delator, patenteia na sua produção literária uma manifestação sublime de valores ideológicos e humanos que aprofundam as memórias da história colonial portuguesa na Índia.

Foi em Portugal, como ele próprio afirma, que fez a sua «... “aprendizagem” literária oficinal e de leitura...».³

Valorizava a não dependência dos padrões académicos do ocidente, vendo em Adeodato Barreto «“a voz arrebatada e nostálgica de uma identidade desterrada e de uma vitoriosa cidadania sem fronteiras”».⁴ Influenciado por Armindo Rodrigues, José Gomes Ferreira, Alves Redol e Carlos de Oliveira integra o Neo-Realismo.

² *Apud* op.cit.loc.cit. artigo publicado em 28-01-2006 e disponível na internet em http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content_id=635004, [consult. em 09-10-2008].

³ Regina Vale, *Poder Colonial e Literatura: as veredas da colonização portuguesa na ficção de Castro Soromenho e Orlando da Costa*, p. 287. (Entrevista gravada em Lisboa, por Regina Célia Fortuna do Vale, no dia 11-09-2000).

⁴ Albina Santos Silva, *op. cit.*, p. 120.

Os princípios ideológicos e filosóficos perfilhados por Orlando da Costa, divergentes ou não dos acolhidos pelos seus críticos não impediram o reconhecimento da sua estética.⁵ Desenvolveu uma regular actividade política e cultural que não o deixou passar incólume aos olhos de Salazar. Em 1949 envolveu-se como apoiante à candidatura de Norton de Matos às presidenciais. Entre 1950 e 1953 é preso⁶ três vezes pela P.I.D.E. e, oito anos mais tarde, a mesma Policia Internacional de Defesa do Estado,⁷ proíbe o seu livro, *O Signo da Ira*.

Publicou vários trabalhos de poesia, romance e drama. Seguramente os três livros que estão na base da nossa dissertação enquadram-se nos mais arrojados para publicar numa época em que o problema de Goa era uma ferida aberta no regime e na sociedade portuguesa.

Progressivamente a literatura é cada vez mais um território que se politiza e rivaliza com o poder, explorando as contradições. Uma latente asfixia dos povos colonizados desinquieta as sociedades que dificilmente conseguem mapear os sentimentos de identidade, e culturas que lhes são próprias. A Europa incapacita-se para moldar à sua imagem as sociedades orientais e Portugal enfileirará no rol de colonizadores em gestação do boléu imperial. Os escritores da segunda metade do século XX, incluindo Orlando da Costa, não ficam

⁵ O escritor foi membro do MUD Juvenil (1950-53), e militante do Partido Comunista Português desde 1954.

⁶ Arquivado na Torre do Tombo o seu processo 20.955 referente à sua Biografia Prisional, apresenta os seguintes registos: «Preso por esta Directoria em 11-11-950, para averiguações tendo recolhido ao Depósito de Presos de Caxias s 318/50, restituído à liberdade em 14-11-950 (o.s.320/950). Entregue nesta Directoria em 19-X-952 pela P.S.P. de Lisboa, para averiguações tendo recolhido ao Depósito de Presos de Caxias (o.s.295/952). Transferido em 21-X-952 para a Cadeia do Aljube (o s. 297/52). Transferido em 22-X-952 para o Depósito de Presos de Caxias (. s. 298/52). Restituído à liberdade em 23-3-953 (o s 90/953).» - [Documento consultado na exposição biobibliográfica sobre Orlando da Costa, em Lisboa na Sociedade Portuguesa de Autores no dia 26-02-2009].

⁷ Esta policia, criada em, 1945 vai desempenhar em Goa um activo papel repressivo sobre a população. Alguns testemunhos encontram em Casimiro Monteiro um dos mais activos agentes da P.I.D.E. em Goa. Entre os muitos relatos disponíveis salientamos os depoimentos de Libia Lobo Sardesai, Prabahakar Sinari, Prajal Sakhardande e Sigmund de Souza em Radio Televisão Portuguesa Internacional, *Magazine Contacto Goa*, Goa, 2009, vídeo wmv (28m 39s), disponível em <http://tv1.rtp.pt/multimedia/index.php?tvprog=20155>.

indiferentes, apelam à consciencialização para temas envolvendo conceitos como classe, raça ou homem.

Não foi apenas a questão da anexação dos territórios ultramarinos do oriente mas também, a miscigenação e o tratamento discriminatório das populações colonizadas a motivarem o autor. Em *OSDI* a sua maturidade literária permitiu-lhe, em nossa opinião, com ”emoção e fôlego”⁸ exteriorizar as suas razões emocionais e éticas. A mesma intensidade de emoções e o profundo sentimento de que em Goa “algo de genuíno e de minimamente identificador do seu património cultural resistirá às transformações que lhe sejam estranhas”.⁹ A língua portuguesa, segundo a sua afirmação, entrou em Goa e «não obstante estranha e “hostil”, era um valor cultural».¹⁰ Ela que, na sua opinião, como instrumento fundamental no seu uso continuado foi utilizada em três vertentes piramidais: a da fluência do discurso, a da confluência de valores e a da influência de padrões estéticos e literários que inevitavelmente são redutoras dos valores nativos. O desequilíbrio cultural de Goa, no último século de soberania portuguesa, resultou do isolamento político em relação à Índia e do afastamento geográfico do ocidente marcados numa época colonial pelo braço longo da ditadura e da censura. Em poucas palavras poderemos ilustrar esse período de descaso estatal na observação de Manuel de Seabra: “o século XIX terminou muito tarde... e o século XX talvez tenha começado mais tarde do que em qualquer outro país civilizado”.¹¹

O hibridismo da ancestralidade goesa e da especificidade cultural do ocidente português frutificou, nos últimos dois séculos, numa literatura indo-portuguesa tornando-se um factor de evidência de uma identidade cultural distinta — a Goanidade. Orlando da Costa é produto também dessa confluência de culturas

⁸ Regina Vale, *op.cit.*, p. 287.

⁹ Idem, p. 295.

¹⁰ Albina Santos Silva, *op. cit.* p. 120.

¹¹ Idem, p.125, Seabra *apud* Costa.

que é, como o próprio dizia, “a revelação da novidade, da criação e da expressividade”.¹²

O nosso trabalho atento a essas premissas pretende enaltecer a importância da obra do escritor Orlando da Costa, directamente relacionada com os últimos anos da presença portuguesa em Goa, como representativa de uma realidade transversal de colonizadores e colonizados.

O Signo da Ira, Sem Flores Nem Coroas e O Último Olhar de Manú Miranda, formam a trilogia que será objecto de análise no nosso estudo. É, como afirma Maria de Luz Rosinha uma “obra em que se sente os cheiros das Índias, o som das chuvas nas terras em que os *Portugueses* cruzaram as culturas”.¹³

Foi dentro deste contexto histórico-cultural que o escritor desenvolveu uma literatura de particular interesse literário e histórico que permanecerá uma marca da relação cultural indo-portuguesa. Nos últimos anos o seu mérito como escritor tem vindo a conhecer uma ascendente notabilidade entre leitores e, particularmente, investigadores que o tomam já por referência nos seus estudos académicos relacionados com a literatura indo – portuguesa.

Estabelecido o tema desta dissertação, privilegiada pelo entendimento de deferência e afectividade que se vem desenvolvendo entre os portugueses e os goeses, encontramos na trilogia em análise a agudeza contemporânea de que nos fala Ana Paula Avelar:

Tendência contemporânea apontará, cada vez mais para uma compreensão da realidade que supere a dicotomia entre as visões historiográficas ocidentais e orientais, e que veja nesses dois olhares uma complementaridade a nível do sentir e da compreensão de uma realidade partilhada.¹⁴

Em 2002 a Casa de Goa homenageou o escritor pelos 50 anos de carreira literária, uma actividade elogiada pelos mais aptos críticos literários portugueses

¹² Regina Vale, *op. cit.*, p. 293.

¹³ Rosinha, *Orlando da Costa – Os Olhos Sem fronteira*, p. 4.

¹⁴ Avelar, *Visões do Oriente, Formas de Sentir no Portugal de Quinhentos*, p. 273.

que ressalvam o *Signo da Ira*, como um dos mais importantes romances do neo-realismo português. Quatro anos mais tarde a sua morte interrompeu o percurso de vida de um homem de grande “humanidade e companheirismo”¹⁵, e de densa intelectualidade literária.

¹⁵Mário de Carvalho *apud* Ana Marques Gastão, Diário de Notícias disponível em http://dn.sapo.pt/2006/01/28/artes/morreu_orlando_costa_escritor_o_sign.html.

CAPÍTULO I

1. Contexto histórico-cultural de Goa

Enquanto território colonial, Goa apenas foi qualificada como colónia durante um curto período de tempo mas ficou considerada administrativamente como o Estado Português da Índia, até Dezembro de 1961. A ascensão do hinduísmo na sociedade goesa, principalmente a partir de 1870, é um marco determinante no início da extinção da soberania portuguesa. Foi essencialmente no século XVIII que mais pertinazmente se desenvolveu a luta entre os portugueses, miscigenados e brâmanes pelo poder no Estado da Índia.

A diáspora goesa contribuiu para a singular diversidade cultural em Goa. A última década do século XIX regista um decréscimo de cristãos que se estenderá até à primeira metade do século XX quando a maioria da população já é hindu. De acordo com o censo de 1950 existia, para além de outras minorias religiosas, uma população de 235 000 católicos em Goa, e 308 000 hindus.¹⁶

Sandrine Bègue¹⁷, no âmbito da sua tese de doutoramento, desenvolveu um estudo exaustivo sobre o Estado da Índia no período compreendido entre os anos 1945-1962. Nesse estudo Bègue distingue três grandes momentos na história indo-portuguesa dos últimos anos. Um primeiro período, entre 1945-1953, marcado pela pertinácia de Salazar que rejeita a desanexação de Goa defendendo as especificidades duma sociedade goesa perfeitamente assimilada, fruto da presença civilizadora e missionária de Portugal na Índia. No momento seguinte, compreendido entre 1954-57, Nova Delhi pressiona Portugal a negociar enquanto, tacitamente, se aproxima da oposição goesa confiante que esta se sublevará pelas armas contra o colonizador. Coincide este período com alguma contestação da população de Panjim que manifesta o seu descontentamento face ao bloqueio económico, isto num momento para a colónia de usufruto de dividendos provenientes da indústria do minério. As fragilidades militares portuguesas

¹⁶ Agência Geral do Ultramar, *Notas sobre o Estado Português da Índia*, p.18.

¹⁷ Bègue, *La Fin de Goa et de l'Estado da Índia: Décolonisation et Guerre Froide dans le Sous-Continent Indien (1945-1962)*, *passim*.

tornam-se evidentes e tornam o território goês indefensável. O governo de Salazar está cada vez mais isolado em relação à Índia.

O último grande momento, citado por Bègue, situa-se entre os anos de 1958 e 1962. A Índia sustenta agora a sua motivação em nome da libertação do povo goês embora o Tribunal de Haia não atribua ganho de causa a nenhuma das partes em conflito. A inevitável invasão de Goa, em Dezembro de 1961, converteu Nehru num “politiciens comme les autres”¹⁸ e Salazar um político obstinado em preservar o *status quo*.¹⁹

A ocupação do território pelas tropas inglesas de 1799 a 1810 deixou Goa isolada de transacções comerciais com a Metrópole. A ligação ferroviária entre Mormugão e a Índia inglesa conduz a um acordo comercial entre os dois países para o transporte de sal, o que facilitou a progressiva influência económica dos britânicos. Nem Salazar nem os antecessores responsáveis políticos manifestaram ensejo ou capacidade política para enfrentar a “competição de seu único e todo-poderoso vizinho, a Índia Inglesa, resignando-se a colónia a uma situação de quase total subserviência”.²⁰

¹⁸Bègue, *op. cit.*, p.33.

¹⁹ Entre Dezembro de 1961 e Janeiro do ano seguinte a imprensa internacional dos quatro cantos do mundo publicou vários artigos, notícias e cartas condenando a atitude de Nehru. O regime de Salazar compilou algumas dessas publicações mundiais. O livro *Invasão e Ocupação de Goa, Comentários da Imprensa Mundial* foi editado pelo Secretariado Nacional da Informação Cultural Popular e Turismo no ano de 1962. Os objectivos de tal compilação, interpretados à luz da realidade portuguesa de então, apresentam-se legitimados mas actualmente o livro permanece um curioso documento de consulta e análise. Na Nota Explicativa podemos ler: «GOA, província portuguesa há cinco séculos, foi invadida por tropas da União Indiana, que a mantêm cativa. Os órgãos de informação de todo o mundo ocuparam-se largamente do caso {e} tão vasto era, porém, o material sobre que havia de fazer-se a colectânea, que se tornou inevitável empreender a selecção e condensação das muitas dezenas de comentários vindos a lume. [...]»

Dela ressalta claramente o direito de Portugal, a sem-razão dos indianos, o malogro de organismos internacionais responsáveis e o jogo comunista contra o Ocidente.» (p. 5)

José Rebelo no seu livro, *Formas de Legitimação do Poder no Salazarismo* editado na sequência da sua tese de doutoramento intitulada, *Contribuição para o Estudo das Práticas Discursivas do Salazarismo*, aprofunda a personalidade e a imagem estadista de Salazar retratada por estrangeiros que conheceram e escreveram sobre ele no exterior. Conclui o autor do estudo que a partir dos anos cinquenta as referências a Portugal e ao seu líder coordenam-se em alusões turísticas com carácter de reportagem onde não são raras as insinuações grotescas. (pp. 271-272, *passim*.)

²⁰A. H. Oliveira Marques, *História de Portugal, Das revoluções liberais aos nossos dias*, p. 162.

Recuperamos neste trabalho fragmentos de um período da História de Portugal numa interdisciplinaridade reflexiva sobre uma trilogia literária que nos transporta a esses tempos de colonialismo. O ano de 1961 resultou para Portugal numa soma de factos, a par de outros no resto do mundo, que velam todos os continentes. Em Angola desencadeia-se a primeira frente de guerra; em Berlim inicia-se a construção do “Muro”, os Estados Unidos e Cuba envolvem-se na contenda da “Baía dos Porcos”, o Paquete Santa Maria é assaltado nas Caraíbas e Goa é ocupada pelas tropas da União Indiana.

Em Portugal o regime de Salazar usou dois discursos para justificar a presença portuguesa em África e em Goa. Com a publicação do Acto Colonial em 1930, documento onde formalmente se assume o Imperialismo Português, “nós administramos e dirigimos as colónias portuguesas”²¹ em função das conveniências da Metrópole, imbuídos dos sentimentos predestinados de proteger e evangelizar.

Referindo-se a Goa e ao seu povo, o discurso de Salazar modifica-se ligeiramente. O Ministério do Ultramar, em 1954 publica em livro algumas notas apologéticas da presença portuguesa na Índia, tanto histórica como política. Salientamos uma passagem do texto intitulado *Os Princípios Tradicionais Portugueses que Regulam a Vida das Sociedades Multiraciais sobre a população da Índia Portuguesa* de conteúdo mais regrado no tratamento aos goeses:

Todos os cidadãos da Índia Portuguesa têm os mesmos direitos dos demais cidadãos, da Metrópole ou do Ultramar. Não se podem fazer quaisquer distinções entre eles e os metropolitanos. Deve notar-se de modo particular, a fim de se ter sempre uma especial atenção nesta matéria, que na Índia nunca se aplica a designação de «indígenas» porquanto esta palavra apenas se adapta, no seu significado técnico-jurídico às populações atrasadas de Angola, Moçambique e Guiné. Na Índia nunca houve indígenas, no significado legal do termo; todos são cidadãos, mesmo os mais incultos.²²

²¹ Salazar *apud* Diogo Freitas do Amaral, *O Antigo Regime e a Revolução*, p. 71.

²² Agência Geral do Ultramar, *op.cit*, p. 33.

Para Freitas do Amaral²³ o regime de Salazar apenas se deu conta da necessidade de rever as políticas portuguesas para as províncias ultramarinas, após dois anos de governação. Segundo o mesmo autor o curso político para as colónias, durante a governação salazarista, foi afectado “pela tradição pro-ultramarina dos republicanos” e pelas inconsistentes ideias do “seu tempo de ensino universitário”.²⁴

Da sua análise, Freitas do Amaral conclui ter a governação de Salazar atravessado cinco fases discrepantes em que as políticas para o ultramar se foram diferenciando. A primeira fase inicia-se com o Acto Colonial²⁵ ou, a afirmação do Império Colonial Português dentro de uma política de recolhimento e intransigência para a descolonização. O caso de Goa força uma adaptação do discurso político sustentado em valores morais e religiosos ao estilo imperial inglês, da época vitoriana.

De uma ineficiência desastrosa, é assim avaliada a acção governativa do regime e que marcará esta segunda fase política. Prioridade fulcral é a política ultramarina. Portugal tem de agir rapidamente em Angola e amenizar o relacionamento com as províncias ultramarinas. Compete a Alberto Franco Nogueira, Adriano Moreira, Marcelo Caetano e Antunes Varela defender no exterior a posição do Governo em relação às suas colónias e reformular as políticas ultramarinas. Entrava-se numa nova fase de governação. Goa já fora anexada, Portugal anseia por marcar a sua posição imperialista e assegurar em

²³ Diogo Freitas do Amaral, *op. cit.* p.71 e segs.

²⁴ Id., *ibid.*

²⁵ O Acto Colonial é o primeiro documento constitucional do Estado Novo, promulgado a 8 de Julho de 1930, pelo decreto n.º 18 570, numa altura em que Oliveira Salazar assumia as funções de ministro Interino das Colónias, É um documento composto por 47 artigos, repartidos por quatro títulos: o I trata das garantias gerais”, o II “dos indígenas”, o III “do regime político”, e o IV “das garantias económicas e financeiras”. [...] A publicação deste documento significou pois um passo em frente na estratégia de ascensão ao poder desenhada por Oliveira Salazar, que se assumiu como o defensor do império colonial, uma causa que os grupos elitistas portugueses consideravam ser sua também. [...] Este documento é um instrumento para a criação de uma nova mentalidade colonial, que só veio a ser preterida depois da Segunda Guerra Mundial, com o fim do imperialismo, que precipitou o fim do Acto Colonial, revogado na revisão da Constituição de 1933 feita em 1951. *Acto colonial 1930*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2008. [Consult.2008-06-12].

Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$acto-colonial-1930](http://www.infopedia.pt/$acto-colonial-1930)>.

todos os seus territórios a paz e ordem públicas. Ainda no seu comentário ao antigo regime, Freitas do Amaral ²⁶ situa o início da quarta fase no ano de 1963, um estádio preenchido de concessões e conversações que envolvem a mediação dos Estados Unidos. A austeridade política de Salazar inviabiliza uma resolução para a crise ultramarina, o estadista entra numa última fase de absoluta inflexibilidade e intransigência inadaptada ao desejo de emancipação das colónias portuguesas.

Os territórios de Goa, Damão e Diu formam hoje o 25º estado da União Indiana – Estado da Índia – um enclave actualmente dividido em dois distritos que representam 0,11% da área do país: Goa Norte e Goa Sul.

Distante a polémica entre Salazar e Nehru, o antigo Estado da Índia provê ainda matéria objecto de estudos, análises e polémicas compassíveis de relacionar os portugueses e goeses dentro da mais distinta identidade. Numa visita a Goa em 2007, o Presidente da República Portuguesa, Doutor Cavaco Silva, afirmou no seu discurso que Goa, “com a sua diversidade e herança portuguesa, é um exemplo de como pessoas diferentes podem unir-se para construir grandes feitos”.²⁷

A fraca popularidade do governo português no Estado da Índia não promoveu, entre a população goesa, simpatias pelo “modo português de estar no mundo”,²⁸ nem tão pouco aos goeses se ofereciam muitas opções de relacionamento. Pela distância e inércia política da capital do Império “o goês, ou se virava decididamente para a cultura anglo-saxónica ou, vindo para a Metrópole, integrava-se totalmente na problemática da cultura portuguesa”.²⁹ Após o

²⁶ Diogo Freitas do Amaral, *op. cit.*, 73.

²⁷ Intervenção do Presidente da República Portuguesa na cerimónia de doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Goa Universidade de Goa, 14 de Janeiro de 2007 disponível em <http://www.presidencia.pt/india2007/?idc=118&idi=2970>.

²⁸ Empregamos aqui uma expressão usada por Cláudia Castelo, e título da sua dissertação de mestrado em História, no ano de 1997, cujo profícuo conteúdo sobre o Estado Novo suportará outras etapas do nosso trabalho.

²⁹ Devi & Seabra, *A Literatura Indo – Portuguesa*, p. 195.

liberalismo e a implantação da República a comunidade hindu, tal como os goeses cristãos, disputa lugares nas profissões intelectuais. A língua tinha um peso substancial quando se pretendia ocupar um cargo administrativo ou exercer uma actividade cultural. Os escassos falantes locais do português procuram fazê-lo primorosamente, no entanto a sua prolação era considerada incorrecta e desprestigiante. O facto concorre para o alheamento dos escritores goeses da língua portuguesa vedando o surgimento de uma literatura em língua goesa.

Para melhor compreendermos as causas que estiveram na base deste condicionamento dos escritores convém lembrarmos um pouco da história da cultura em Goa, ainda que sumariamente. Na verdade a cultura portuguesa em Goa não deixou no entanto de se manifestar na escrita e, na etnografia. A primeira impressora de toda a Índia foi instalada em Goa no século XVI, por intermédio dos jesuítas do Colégio de São Paulo. Dois séculos mais tarde assiste-se a um declínio da actividade, em parte devido à proibição da actividade de impressão proibida pelo Marquês de Pombal na sequência da suspeita que goeses pretendiam imprimir livros num estabelecimento em Goa.

Em 1864, e por escassos nove meses surgiu em Margão a primeira publicação literária, a *Ilustração Goana*, dirigida por Luís Manuel Júlio Frederico Gonçalves. A influência desta publicação na vida cultural de Goa foi de assinalável importância, enriquecida pela colaboração de autores que se vieram a distinguir na historiografia, na poesia e no ensaio. Novas publicações, de carácter literário entre revistas, jornais e almanaques, começam a circular em pleno período liberalista aproximando a literatura europeia dos meios culturais goeses.

Na historiografia de Goa ficará para sempre marcada a figura de Cunha Rivara, enviado para Goa em 1855 para ocupar o cargo de secretário – geral do Governo. Fundou e colaborou em diversas revistas aplicando a sua vasta experiência de investigador e bibliógrafo, publicou ainda várias gramáticas, o “seu grande serviço à cultura em Goa, segundo alguns autores, residiria, acima de tudo,

no seu trabalho (quase se poderia dizer a sua campanha) para devolver à língua concaním o prestígio há muito perdido”.³⁰

Efectivamente a língua concani acabou por resistir aos ímpetos dos legisladores portugueses, políticos e religiosos, movidos durante séculos por inopinados nacionalismos emergentes de uma política de aportuguesamento dos povos autóctones, forçada por eclesiásticos que exerceram enorme pressão tanto na comunidade goesa como junto do poder político. Em meados do século XIX aprendia-se “a ler e escrever maquinalmente o português, sem se compreender o significado de uma só palavra desta língua”.³¹ Nesse mesmo período o Reverendo Denis Kloguen permaneceu algum tempo em Goa e deixou-nos o seu testemunho escrito dessa realidade.

The pure Portuguese language is spoken and known grammatically by the clergy, the lawyers, physicians, magistrates, and all who can afford to receive any kind of education; all speak likewise a corrupt dialect, formed of the Portuguese, and the Concanee, or Mahratta language, which has been, however, reduced to grammatical rules; the pourest, and those who cannot read, chiefly the women, speak only this language.³²

A inadequação desta pedagogia, visando a difusão da língua portuguesa, preocupava os estudiosos cientes da conflitualidade para a mente infantil em apreender uma língua apenas falada na escola. Além da ineficiência do processo de aprendizagem e uso da língua, Teotónio de Souza não encontra utilidade evidente para o quotidiano dos goeses nesta aprendizagem:

A necessidade de emigrar para a Índia britânica e a dependência dos Goeses nas remessas dos seus familiares emigrados eram uma indicação bem óbvia da futilidade de aprender a língua portuguesa.³³

³⁰ Idem, p. 152.

³¹ Cunha Rivara *apud* Devi, idem, p. 46.

³² Kloguen. *An Historical Sketch of Goa*, pp. 112-113.

³³ Teotónio R. de Souza, “Os portugueses no folclore goês”, disponível em <http://www.ciberduvidas.com/articles.php?Rid=350>. [consult. Em 2008-10-24].

O problema mereceu da UNESCO uma reflexão profunda, daí resultando o parecer publicado em 1955, por fim em 1986 a Constituição indiana reconheceu o concani língua oficial de Goa.

O concani de Goa, e o guzerate de Damão e Diu “representam o sincretismo de línguas e culturas da Índia e do Sri Lanka com tradições portuguesas, criando uma nova identidade euro-asiática, ou indo-portuguesa”.³⁴ Teríamos de esperar mais de um século para oficialmente ser reconhecida a importância das línguas vernáculas pela UNESCO.

Uma outra figura de relevo, Tomás Ribeiro, vai ocupar em Goa um cargo administrativo de secretário do governo capaz de lhe reconhecer mérito e respeitabilidade. Aproveitou essas premissas para, durante a sua curta estadia, fomentar o prestígio da poesia e estimular o culto das letras. De regresso à Metrópole ocupa o lugar de Ministro das Colónias enquanto Goa assistia à “passagem do predomínio social dos descendentes para a burguesia batcar”.³⁵

Nos finais do século XIX a população católica de Goa deixa de estar em maioria e, até metade do século seguinte, o fenómeno da emigração leva até Bombaim, Macau, Moçambique, Paquistão ou Quénia entre outros destinos, muitos goeses. Um recenseamento de 1940, citado por Bègue³⁶ aponta apenas 1, 43% da população a sabe ler e escrever português para um universo de 80,98% de iletrados.

Chegado a Goa em 1942, Dom José da Costa Nunes, Primaz do Oriente, Patriarca das Índias Orientais e arcebispo titular de Granganor, sensibilizou-se com o desprovimento das instituições e estruturas. A urgência de medidas de modernização com vista ao desenvolvimento transparece nas palavras do clérigo:

Mas nesta terra ainda não penetrou o espírito do Estado Novo. Creio ser o único de todo o Império. Aqui ainda se faz jornalismo à antiga, discute-se à antiga, governa-se à antiga. A mesma falta de respeito, a mesma indisciplina

³⁴ Jacobson, *A Presença Oculta, 500 Anos de Cultura Portuguesa na Índia e no Sri Lanka*, p. 127.

³⁵ Devi e Seabra, *op. cit.*, p. 167.

³⁶ Bègue, *op. cit.*, p.72.

social, a mesma liberdade mal entendida, a mesmíssima mentalidade política dos tempos democráticos.³⁷

Sem dúvida o governo português poderia prolongar a sua letargia administrativa graças ao empenho de um missionário tão devoto às causas religiosas quanto simpatizante dos ideais salazaristas. Representante da ideologia do Império não resistiu a abandonar a arquidiocese de Goa em 1953 como manifesto do seu repúdio à nomeação, pelo Vaticano, do primeiro cardeal goês para Bombaim:

Deveis tudo a Portugal... Sabeis que o desaparecimento de Portugal da Índia representará o maior desastre para os católicos goeses. Com o domínio português, vocês são alguma coisa; sem ele, bem triste será a vossa situação!³⁸

Evidenciando uma notável propensão para impor a civilização europeia, o regime político português dissimula os seus métodos e comportamentos sustentando-se nos princípios da assimilação que resultam do contacto e da educação entre o colonizador e os colonizados. Num discurso de Marcelo Caetano, que poderemos interpretar de pretensioso e dominador, embora Gilberto Freyre o consider “notável”, o Presidente do Conselho apresenta argumentos para a acção portuguesa:

(...) Vamos transmitindo a mentalidade nossa, a nossa fé, a nossa cultura, os nossos costumes, de tal maneira que os assimilados se enquadrem depois, naturalmente, na legislação e nas instituições portuguesas por necessidade deles e não por imposição nossa.³⁹

A hiponímia, assimilados/integrados ilustra o vocabulário colonial dos seguidores da política salazarista de unidade pluri-continental. O regime

³⁷ ANTT-AOS CP-36,1.4.10/5, José Bossa, 1935-1968: cartas manuscritas de Dom José a José Bossa, secretário-geral da Administração política e civil do MC, 28 de Julho de 1942. *Apud* Sandrine Bègue, *op. cit.*, p. 88.

³⁸ D. José da Costa Nunes *apud* Teotónio R. de Souza, «O caso de Goa» disponível em <http://www.ciberduvidas.pt/articles.php?Rid=956>, [Consult. em 2008-03-15].

³⁹ Caetano *apud* Freyre, *O Luso e o Trópico*, 1961, p. 302.

encontrou na tese do lusotropicalismo gilbertiano argumentos para ultrapassar a polémica questão da miscigenação. O envolvimento dos homens portugueses com mulheres dos trópicos perdera o sentido vexatório e, era afinal, uma “capacidade de portugueses para unir-se aos Trópicos por amor e não apenas por conveniência”.⁴⁰

No Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, realizado em Lisboa no início da década de 60, defende-se essa unidade entre o Ocidente e o Oriente sustentada pela miscigenação e interpenetração de culturas. Elogioso para com os portugueses, enumera Gilberto Freyre⁴¹ alguns exemplos de assimilação parcial pelos lusitanos: o uso de roupas brancas de baixo, o banho diário, o pijama, a camisa por fora das calças. O vínculo entre o sociólogo e historiógrafo com a política salazarista fez soar vozes opositoras a alguns aspectos das suas teses.

No campo político, ao contrário do que sucede no campo cultural, a obra gilbertiana passa quase despercebida, no entanto a única referência directa (na comunicação de Vicente Ferreira no II Congresso da União Nacional) é extremamente desfavorável. Como tentámos demonstrar, nos anos 30 e 40, o projecto de «ressurgimento imperial» e de afirmação do «velho e indomável espírito de raça» a impor a populações «selvagens», não se coaduna com a visão culturalista de Freyre. Armindo Monteiro e demais ideólogos do regime partem do postulado da inferioridade da «raça» negra e repudiam a ideia de mestiçagem e de interpenetração de culturas no império português.

Registe-se contudo que Norton de Matos, do lado da oposição, também rejeita a doutrina luso-tropicalista. [...]

Nos pós II Guerra- Mundial, criam-se condições para a mudança de atitude dos políticos do regime em relação às ideias de Gilberto Freyre. [...]

Era preciso convencer o mundo da natureza especial da colonização lusitana, da ausência de racismo nas províncias ultramarinas portuguesas, da existência de sociedades multirraciais perfeitamente integradas no todo nacional.

O relacionamento do regime com o luso-tropicalismo está, portanto, intimamente ligado à evolução da sua política colonial e, conseqüentemente, da sua política externa. A doutrina gilbertiana serviu,

⁴⁰ Idem, p. 50.

⁴¹ Idem, p. 35.

sobretudo a partir de meados dos anos 50, os fins delineados pela diplomacia de Lisboa.⁴²

Nestes contextos compreendem-se as advertências de Teotónio de Souza⁴³ ou, de Margarida Calafate Ribeiro⁴⁴ ao “lusotropicalismo” de Gilberto Freyre.⁴⁵ Um estudo sobre “lusotropicalismo” deve ser profundo e aberto a uma “biodiversidade cultural” e identidade próprias.

Os aspectos histórico-culturais que temos vindo a abordar permitem revigorar os nossos mais elementares conhecimentos, para prosseguirmos uma apreciação interdisciplinar mais profunda da trilogia de Orlando da Costa: *O Signo da Ira*, *O Último Olhar de Manú Miranda* e *Sem Flores Nem Coroas*, adiante referidas pelas siglas *OSDI*, *OUOMM* e *SFNC*, respectivamente.

A conjuntura colonial portuguesa nas suas mais evidentes debilidades outorgava às populações um clima de austeridade e inquietude numa crescente insatisfação. Contagiado por esses sentimentos, Orlando da Costa explanou nos seus romances os antagonismos da sociedade goesa do século XX, vivendo numa acentuada tensão dramática.

A Segunda Guerra que avassala a Europa, em 1939, é um indicador referencial da crise que virá a afectar os territórios ultramarinos. Conduzido por uma percepção histórica e social congeminada por entrecruzadas memórias de um sistema colonial deficiente, o autor transmite-nos em *OSDI*, *OUOMM* e *SFNC* uma empenhada estratégia de apreensão e divulgação de problemas sociais dentro de uma fabulação sugestiva. A articulação entre o escritor e o seu meio social

⁴² Castelo, «*O Modo Português de Estar No Mundo*», *O lusotropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*, p.137-138.

O estudo de Cláudia Castelo que corresponde à dissertação de Mestrado em História dos Séculos XIX e XX avalia a recepção em Portugal da doutrina do lusotropicalismo de Gilberto Freyre.

⁴³ Teotónio R. de Souza, «Gilberto Freyre na Índia e o “lusotropicalismo transnacional”» disponível em <http://www.geocities.com/Athens/Forum/1503/SGL.html?200725>.

⁴⁴ Margarida Calafate Ribeiro, *Uma História de Regressos, Império, Guerra Colonial e Pós Colonialismo*, pp. 151-166.

²¹ O lusotropicalismo gilbertiano emerge no Brasil nos anos trinta do século XX e em Portugal nos anos cinquenta. Tese que tem sido veementemente criticada por Eduardo Lourenço.

poderá embrenhar-nos por longas definições mas no essencial a sociedade necessita do escritor porque ele é, como afirma Vimala Devi:

(...) A consciência do seu tempo e das circunstâncias históricas que o enformam, e a sua influência sobre os seus contemporâneos constitui uma das formas mais poderosas de aceleração histórica. O escritor isola, como um cientista os problemas individuais do seu tempo, e, pela sua atitude para com eles – aprovando-os, reprovando-os, ou até ultrapassando-os –, define as várias probabilidades de futuração do organismo social a que pertence.⁴⁶

Os anos de 1945-46 revelam-se extremamente difíceis nas colónias britânicas mas também em Goa. As exportações e importações dependem do regime de cotas, sujeito a autorizações de complexa burocracidade. O cônsul inglês em Goa é substituído por um vice-cônsul, um homem fechado e menos prestativo que o seu antecessor. Todas as colónias no oriente estão ameaçadas pela escassez de alimentos, medicamentos e outros bens essenciais. As receitas da exportação de castanha de caju, madeira, coco e copra são desviadas para pagar ao aparelho administrativo do estado e aos militares. É certo que o contrabando de ouro em Goa estava a enriquecer alguns goeses e portugueses o que era uma preocupação para as autoridades de Bombaim, além do facto das autoridades portuguesas serem suspeitas de beneficiar com esta actividade, embora o caso nunca tenha vindo a ser confirmado.⁴⁷

A primeira metade do século XX consolidou as dúvidas entre os goeses, ou pelo menos na maioria, se o modelo português de colonialismo para Goa seria satisfatório para as elites goesas.

⁴⁶Devi e Seabra, *op. cit.*, p. 132.

⁴⁷ Baseamo-nos nas declarações de Sandrine Bègue, *op. cit.*, pp. 195-196-197 que afirma, em relação ao Estado português: «Mais la part prise par le gouvernement portugais dans ce commerce illicite reste difficile à prouver et semble minime. D'une manière générale, la contrebande ne paraît profiter qu'à une partie des Goanais et à une poignée de soldats des deux camps.» p.197.

CAPÍTULO II

1. Reflexões sobre os romances de Orlando da Costa:

1.1. *O Signo da Ira*

«O texto recupera a raiz e impede que a história se reduza a um monte de pedras ou a um mero sonambulismo.»

Norberto do Vale Cardoso⁴⁸

Objectivando a análise dos livros supracitados inclinamo-nos de início para uma abordagem interdisciplinar da diegese dos romances, colocando em evidência as relações histórico-políticas, porem fundamentando a nossa análise na explicação de narrativa proposta por Aguiar e Silva: “A narrativa com efeito representa a interacção do homem com o seu meio físico, histórico e social”.⁴⁹

Os temas eleitos das obras literárias do Neo-Realismo seguem a linha ideológica do marxismo dentro das temáticas da luta de classes e assuntos relacionados com conjunturas socioeconómicas. Ao seguirmos a reflexão de Lélia Pereira concordamos que “a repressão da ditadura provoca o reaparecimento do Neo-Realismo, com textos literários que fingem às vezes falar de outro espaço ou de outro tempo, mas que têm a intenção de reproduzir a realidade para provocar ou reforçar desejos de mudança”.⁵⁰ Entre as personagens ficcionadas, o espaço e o tempo da diegese existe um paralelo com a realidade levando o leitor, pela via de uma literatura perceptiva, a “mergulhar mais conscientemente na elaboração dos significantes textuais”.⁵¹

Um dos marcos determinantes, segundo Alexandre Pinheiro Torres, para que o mundo despertasse para uma nova realidade dominada pela força política foi a Revolução Francesa, e prossegue a sua análise afirmando:

⁴⁸ «Mortos, sombras e outros sonambulismos: da literatura medieval à literatura (pós) colonial», Março/Abril 2007, Revista Vértice.

⁴⁹ Aguiar e Silva, *Teoria e Metodologias Literárias*, 1990, p. 206.

⁵⁰ Lélia Parreira Duarte, «O discurso da História», p. 37.

⁵¹ Idem. p. 38.

O criador literário, até então independente (assim se considerava ou era considerado, alheio à natureza de outras dependências que, estranhamente, não considerava como tais) passou a ser visto como subordinado a várias forças externas que o rodeavam em relação às quais, até então, acreditara não se encontrar sujeito.⁵²

O neo-realismo de Orlando da Costa, não é um instrumento político infiltrado na literatura. A sua autonomia literária revela-se na criação de personagens de uma maldade refinada (apesar de explorados) como o avô de Natel, capaz de denunciar friamente o soldado português por um crime que não cometeu, ou as irmãs gémeas Leonor e Inês Benigna, ou ainda personagens virtuosas como Bostú e Natel de coração aberto para perdoar.

Num primeiro período a literatura neo-realista sente necessidade de alertar para situações, que afectam a sociedade a geração de 40. *OSDI* está nessa primeira fase quase de movimento.

O neo-realismo sacrificou, numa primeira fase, a literatura à ciência, pressionado pela mutação que ocorrera nesta, mas para a repor em novas bases.⁵³

Para Alexandre Pinheiro Torres o que caracteriza um movimento é a forma como um tema é tratado “não interessa o *que* mas o *como*”.⁵⁴

⁵²Torres, *O Neo-Realismo Literário Português*, 1977, pp. 18-19.

⁵³ Sacramento, *Há uma estética Neo-Realista?*, 1968, p. 27.

⁵⁴ Ana Bela Dinis Branco de Oliveira no seu artigo *Nouveau Roman em Portugal - Máscaras Políticas de uma Recepção Literária*, a autora coloca em evidência polémicas que envolveram o período literário da década de 60. Entre alguns dos intervenientes na contenda salientamos os escritores Alexandre Pinheiro Torres e Virgílio Ferreira. Ambos se envolveram de forma acutilante numa troca de acusações que estão reproduzidas no mencionado artigo. O final do artigo conclui de forma esclarecida como «a recepção literária proporcionou uma eficaz intervenção política: o *nouveau roman* foi em Portugal, um forte instrumento estético contra o neo-realismo. E o neo-realismo incomodava visivelmente o Estado Novo.» in *Revista de Letras, Anais da UTAD*, nº 2. Disponível em http://home.utad.pt/~aoliveir/nr_mascaras.pdf, (consult. em 2009-05-06).

Para a escritora Natália Correia «“O neo-realismo tinha um aparelho político subjacente. Dominou publicações, jornais, editoras... os surrealistas ocupavam, quando muito, as mesas dos cafés.”» (Natália Correia apud Dacosta, 2006: 140).

Julião Quintinha não se inibe de reconhecer que «o artista pode realizar obra cheia de beleza e elevação dentro do critério da arte pela arte [...] a circunstância de uma obra revelar quaisquer influências sociais ou políticas, as mais opostas em muitos casos não diminui o seu valor artístico.» (Quintinha apud Reis, 1981, p.82).

O Neo-Realismo é que vai assumir a posição materialista e dialéctica. Antes o que se passava na Sociedade, as manifestações dela, era estudadas ou abordadas pelos escritores, ou ideólogos, como um conjunto de objectivos fixos, de situações imutáveis, de relações perenes, que não só não mudavam, como nem sequer estavam condenadas a desaparecer. É esta a razão pela qual o Realismo tout-court e o Naturalismo se atêm à figuração externa, à cópia, à descrição, ao documento. Há uma clara submissão à aparência ou exterioridade das coisas e dos homens. Daí o facto de ser descritivo o estilo peculiar ou predominante (com raras excepções) do Realismo ou do Naturalismo.⁵⁵

Igualmente Carlos Reis nos desperta para algumas diferenças elementares entre realismo e neo-realismo que deveriam ancorar nos muitos críticos que tendem, segundo o próprio, a acusar muitos neo-realistas de falta de “visão fiel (...) da realidade”.⁵⁶ Os neo realistas não seguem um método mas sim, conhecedores de uma realidade elaboram uma interpretação eloquente e sintética que a torna inteligível. O desvio a esta sensibilidade e a pressão da modernidade que carece de incisão no real instrumentaliza os críticos e leitores no sentido da desvalorização do neo-realismo. È neste sentido de recuperar o valor desse discurso literário que Urbano Tavares Rodrigues nos propõe relermos com ele alguns autores neo-realistas.⁵⁷

Recorrendo às suas memórias o autor primazia, tanto em *OSDI* como em *OUOMM*, a descrição dos espaços rurais ou urbanos vitalizando os sentidos do leitor menos familiarizado com o espaço efectivo goês.

Quando chegam as monções de nordeste, diz-se que chegaram os terraís. Mal sentem esse cheiro a terra que todos os anos desce dos

⁵⁵ Torres, (1977), pp. 30-31.

⁵⁶ Reis, *Textos Teóricos do Neo-Realismo Português*, 1981, pp. 68-69.

⁵⁷ Urbano Tavares Rodrigues, *Um Novo Olhar Sobre o Neo-Realismo*, 1981

Assertivamente, o autor escreveu no prefácio do livro: «Muitos leitores e opinadores, no tempo que estamos atravessando, condicionados que são por um sistema da moda que hipervaloriza a instauração de formas não referidas explicitamente ao real mas elaboradas num jogo de espelhos entre texto e texto, desdenham do neo-realismo e assim passam ao lado do que há porventura de mais rico como discurso literário português moderno, com o mesmo investimento onírico e mítico de obras que, apressando-se a sacudir de si a “política”, alardeiam a ambiguidade da estrutura narrativa ou o império do significante», p.16.

contrafortes dos Gates e percorre o mesmo caminho dos rios e das pequenas cordilheiras até chegar às planícies mais baixas, os búfalos sabem que novamente a terra os espera. [...] Nas alagoas cavadas pelas mãos dos homens as águas aprisionadas às chuvas como que pressentem que cedo se lhes vai abrir um caminho, enquanto a ténue neblina sobre elas suspensa desfaz-se apressadamente, surpreendida pelo dia que surge (COSTA, 1961:3).⁵⁸

O cheiro de arroz amontoado no celeiro, o travejamento velho daquele sobrado, donde pendiam teias de aranha, o ruído escondido de ratos caminhando de um lado para o outro, foram despertando nela um estado de inquietação e receio cada vez maiores. Nunca se sentira daquele modo só, em tão angustiante solidão e à mercê daqueles objectos velhos e estranhos que a rodeavam. Uma velha machila, que antepassados seus haviam carregado, transportando os pais de bab Ligôr à igreja matriz e à casa dos parentes distantes, as paredes mal caiadas e bafientas, os velhos baús amontoados em baixo, recordações doutros tempos em que a sua gente, já trabalhara para os mesmos senhores, servindo à sombra daquela casa grande e sombria. Tudo lhe lembrava a sua condição de serva eleita para servir o seu batcará (COSTA, 1961:120).⁵⁹

O percurso da natureza recompõe todos os anos as mesmas rotinas às “mãos dos homens”, aos búfalos que voltam “novamente” à terra num pulsar de sobrevivência limitado às “recordações”. Nos dois excertos patenteia a dureza de um ambiente agrícola de cáustico desabrimento onde decorre a acção de *OSDI*. Achamos nas palavras do autor a melhor ilustração para o ambiente de todo o romance, «sente e cheira a terra e toda a natureza (...) e o pulsar do dia-a-dia das gentes humildes, os “curumbins”». ⁶⁰

No século XIX os curumbins ocupavam na pirâmide social goesa a penúltima posição de uma estratificação social que reservava aos escravos o último lugar. A sociedade goesa do século XX conservou a estratificação social das castas descrita por Kloguen:

The sixth class is that of the inferior Sudras, who follow the profession of fishermen and other viler occupations, called Corombis, Franzas, &c., and likewise the out-castes. They are, similar to the Parias in the southern

⁵⁸ Adoptamos por metodologia referenciar as obras de Orlando da Costa, que são objecto de estudo nesta dissertação, no corpo do texto.

⁵⁹ Proprietário rural para quem trabalham os manducares, também chamado de *bab*.

⁶⁰ Regina Vale, *op. cit.*, p. 287.

provinces of India, or to the coolies and other low castes in the north, They are, however, not treated with the same contempt as among the heathens; but they must remain in their own professions, and are not admitted to any place of trust whatsoever, which are held not only by the higher, but ordinary servants who are all of the superior castes; though reduced by poverty to serve, in order to gain their livelihood.⁶¹

Orlando da Costa saiu de Goa com apenas 18 anos amadurecidos numa terra de cheiros, de cores e de sabores. Todo esse “material improdutivo”⁶² transformou-se em inspiração e criação, factores que em *OSDI*, promovem a serenidade da narrativa marcada por “intencionalidades”.⁶³ “As sensações, as recordações, tudo aquilo que constitui a experiência está em repouso no inconsciente, no subconsciente, ou em ambos”.⁶⁴

O vínculo entre a cosmovisão⁶⁵ do escritor e os seus objectivos particulares ou intencionalidades resultam numa explanação de ideologemas que no caso de Orlando da Costa evidenciam a denúncia da exploração de mão-de-obra com particular ênfase para os trabalhadores rurais. O esboço que o autor faz de uma população rural de uma aldeia onde o sistema colonial e de castas sufoca os *curumbins*, já torturados pelas suas carências, serve de alicerce estético e ideológico ao romance configurado para a realidade do presente embora nas entrelinhas esteja implícita uma vontade de mudança no futuro.

⁶¹ Kloguen, *op. cit.*, p.105.

⁶² A expressão é de Gonzalo Torrente Ballester e foi proferida no Discurso de entrada na Real Academia Espanhola (1999,169 e segs) quando o escritor falava sobre o romancista e a criação poética. pp. 178 -179.

⁶³ A escolha do termo “intencionalidades” deve-se à assumida intenção do escritor em denunciar a exploração dos *curumbins* pelas castas superiores e pelos colonizadores. A sua intencionalidade está expressa na introdução de *OSDI*.

⁶⁴ Ballester, *op. cit.*, p.178.

⁶⁵ «O termo cosmovisão, bem como os seus sinónimos mundividência e naturalmente visão do mundo, tem que ver, pois, do ponto de vista do escritor, com uma certa forma de reagir perante o mundo, os seus problemas e contradições, desencadeando-se então uma resposta esteticamente elaborada a estímulos e solicitações ético-artísticas formuladas pela sociedade, pela História e pela cultura contemporânea e anterior ao escritor. Daí pode resultar uma identificação com temas e formas que configuram um período literário e sobretudo com um determinado sistema ideológico, capaz de inculcar coesão axiológica à cosmovisão.» Carlos Reis, *O conhecimento da Literatura*, 1995, p. 11.

Uma nova semente renova a confiança e alento transformando-os em projectos, desejos e comedimento, a “vangana representa toda a esperança que ele pode ter, o pouco que a vida concede aos homens” (*OSDI*, p. 11).

A perspectiva de mudar o futuro é uma meta sócio-política que se alcança pela unidade e nesta narrativa está presente a necessidade de funcionamento comunitário entre os diferentes agregados familiares. Exemplos do espírito comunitário e dessa força que vem da união são ilustrados pela organização do pessoal durante as vanganas” o primeiro a chegar ao terreiro lançou um brado” logo “os outros acorreram”; não admira que todas as esperanças dos mais humildes se centrassem numa boa colheita, uma etapa para planejar o futuro.

Há cerca de dois anos que o arroz lhes vem faltando e em seu lugar nas velhas panelas de barro denegrado cozeu-se o nachinim miúdo e o bajri amarelento. Durante esse tempo todo, as mulheres e os homens que trabalhavam nos arrozais quase se esqueceram do seu sabor e as crianças, nas magras e incertas colheitas daqueles anos, lembravam-se trincando às escondidas as próprias espigas douradas.

Após cada ceifa, durante seis colheitas, cada mulher trouxe uma espiga roubada e colocou-a na parede escura do interior dos casebres, junto a uma estampa sagrada (*OSDI*, p. 10).

Orlando da Costa num enleio sedutor entre a originalidade estética e a construção das personagens esbate as facetas boas e más de explorados e exploradores que sobressaem nalgumas das personagens.

Orlando da Costa chegou a Portugal em 1947 no mesmo ano em que a Índia e o Ceilão ascendem à autonomia. Júlio Graça descreve desta forma o convívio do escritor com artistas e intelectuais:

Encanta-o as figuras desses poetas, escritores e pensadores intitulados neo-realistas, entre os quais ele já se considerava um deles. São os cabelos níveos apolíneos, do José Gomes Ferreira, as camisas e o blusão aos quadrados do Alves Redol, e a sua famosíssima boina preta ... São os gritos de revolta do

Armando Rodrigues, os silêncios do Carlos Oliveira, grande poeta, grande prosador.⁶⁶

Dois anos antes da queda de Goa o autor começou a escrever *OSDI*, dominado pela consciência da iminente mudança prestes a acontecer em Goa. Doze anos após ter chegado a Lisboa Orlando da Costa afirma tê-lo feito, não por ser “anti-português”, nem “anti-colonialista”, apenas sentiu uma obrigação moral por saber que “lá” se estavam a passar muitas coisas.⁶⁷

Em 1961 a Academia das Ciências atribuiu-lhe o Prémio Ricardo Malheiros pelo romance *O Signo da Ira*, aquilatado por Vimala Devi e Manuel Seabra como:

... Um romance neo-realista. Isto quer dizer que se enquadra na escola literária iniciada por finais da II Guerra Mundial por Soeiro Pereira Gomes, Alves Redol e outros e continuada por Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, Fernando Namora, Manuel do Nascimento, Romeu Correia, Antunes da Silva, etc. Procurava a escola neo-realista apresentar literalmente uma interpretação dialéctica do real, contra a tendência anarquizante dos escritores de entre as duas guerras, cujo principal representante é Ferreira de Castro. O neo-realismo português seguiu na esteira do neo-realismo brasileiro de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, e do norte-americano, cujos principais representantes, John Steinbeck e Erskine Caldwell, analisando as contradições da sua época, procuraram descer até às massas para interpretar os seus problemas e anseios. Ao tentarem interpretar dialecticamente a realidade, os escritores portugueses neo-realistas debruçaram-se sobre o camponês - raras vezes sobre o operário - e das contradições da sociedade em que se vive criaram belos romances que, durante cerca de duas décadas, despertaram grande popularidade de raiz camponesa e proletária, sem que o público a que logicamente ia dirigida a pudesse entender. Além de o nível económico e cultural das massas não ser suficientemente elevado para poder compreender e aceitar as obras literárias neo-realistas, estas, dirigidas à média burguesia e ao pequeno intelectual, careciam das características que as poderiam tornar aceitáveis pelas massas. É que, por fim de superar determinadas restrições e insuficiências, os escritores neo-realistas criaram uma linguagem – código só compreendida por iniciados, e restringindo ainda mais fortemente o próprio público a que se dirigiam a um pequeno sector iniciado. Criou-se deste modo uma espécie de literatura de catecúmenos, dando origem a um falso estilo

⁶⁶ Graça, (2000), pp.7-8.

Texto incluído na publicação alusiva à Exposição Documental de Outubro 2000: *Orlando da Costa Os Olhos Sem Fronteiras*.

⁶⁷ Vale. *op.cit.*, p. 287-288.

popular que cada vez se foi aproximando mais de um regionalismo folclórico intelectualizado, em que toda a ênfase era dada às palavras em prejuízo do conteúdo.

Afastando-se inconscientemente das massas, os escritores neo-realistas criaram um estilo elevado e alegórico, fiel aos princípios que os motivaram, mas cada vez mais cultistas, denunciando a sua origem pequeno – burguesa.

Com *O Signo da Ira*, Orlando da Costa, que acompanhara o neo-realismo desde os tempos do «Novo Cancioneiro», procurou escrever o romance neo-realista de Goa.

O Signo da Ira possui todas as qualidades e defeitos dos romances neo-realistas da última fase desta escola, grandiloquente e pequeno – burguesa. O seu estilo seguiu, exagerando, as tendências desta última fase, e pretende ser altamente poético e alegórico.⁶⁸

O desrespeito pela cidadania, a exploração entre castas e a corrupção são as imediatas denúncias implícitas na narrativa. O espírito denunciador apoia-se em fundamentos sociais e culturais plausíveis de atingirem vários possíveis leitores. Esta variável teve os seus reflexos na aceitação do romance em Goa e em Portugal. Certamente a sociedade goesa mais poderosa, por se sentir revisitada pelo autor nos mais íntimos contrastes sociais, não recebeu com agrado a publicação do livro.

O despertar das consciências lusas para o que se passava em Goa, quando estava iminente um ataque das tropas indianas, tinha um preço a pagar ao regime político de Salazar. O sucesso do livro, o seu valor histórico-cultural justifica ter alcançado o mencionado prémio.⁶⁹ Os prémios literários constituem um instrumento de consagração da literatura, projectando os autores premiados para o núcleo do reconhecimento. Ao autor “um prémio literário, para lá de várias compensações, confere ao premiado um pouco de certeza sobre o que realizou”.⁷⁰ No parecer da Academia de Ciências de Lisboa aquando a atribuição do Prémio pode ler-se: “É o primeiro romance da Índia Portuguesa escrito no nosso século e moderno pela técnica e pela atitude do autor” (*OSDI*).⁷¹

⁶⁸ Devi & Seabra, *op. cit.*, pp. 207-208.

⁶⁹ O júri era constituído por Jacinto do Prado Coelho, Vitorino Nemésio e Augusto de Castro.

⁷⁰ Virgílio Ferreira *apud* Reis, (1995), p.32.

⁷¹ Esta e outras considerações podem ler-se na contra capa do livro *O Signo da Ira*, (1996).

Neste livro, *OSDI*, achamos algumas das tendências encontradas com mais frequência a partir da revolução de Abril 1974. Converte a nossa análise com a reflexão de Alzira Seixo:

A partir de 1974 é possível verificar uma reorganização destas várias tendências, de modo algumas vezes conglomerado e outras vezes divergente mas quase sempre com a determinação de uma matriz comum que é a do espaço da terra como centro de radiação do universo romanesco: a terra como paisagem, a terra como sociedade, a terra como lugar do humano, a terra como espaço do drama político, a terra descentrada – as Áfricas -, a terra como exterior – os exílios, as viagens.⁷²

A abrir o livro o excerto do Canto da liturgia dos defuntos encaminha o leitor para *O signo da Ira* como obra profundamente mergulhada na dialéctica senhor/curumbins. A liturgia, para os católicos significa uma entrega a Deus para a salvação do crente. Não havendo para o Senhor distinção entre pecados, todos eles são igualmente graves, o pecado da avareza protagonizado pelo batcar e por Rumão, causa a “ira” dos curumbins. A punição pela sua iniquidade acabará por chegar com a morte para Rumão e o roubo do arroz para o batcar. A morte de Coinção foi um dia de miséria mas grande no seu sacrifício, “ (...) Dia de bramisse/ dia de calamidade e de miséria, /dia grande mas quão amargo!”.

A evolução política em Portugal, além das transformações culturais e sociais, arrolava o distanciamento e uma nova perspectiva de leitura na interpretação das marcas glória e agonia do Império português. “Nestes tempos ditos modernos, só terá futuro quem tenha tido passado, pois o presente é devedor do passado, sendo por este determinado”.⁷³

Tecemos nesta etapa do nosso trabalho alguns comentários sobre as três obras lidas do escritor Orlando da Costa, passíveis de diferenciar cada uma delas com objectividade.

O romance *OSDI* pertence aos romances Neo-realistas de costumes com larga significação humana. Uma acção percorrida pausadamente por

⁷² Seixo, *A Palavra Do Romance, Ensaios de genealogia e análise*, p. 72.

⁷³ Lourenço, *Portugal Como Destino, Seguido de Mitologia da Saudade*, 1999, p. 61.

múltiplas conjunturas que interferem num colectivo de personagens que estabelecem entre si relações de cumplicidade ofuscando o domínio do narrador sobre elas. Não existe no romance uma personagem promotora.

Nela apenas a terra pretende ser verdadeira e a natureza em que ela se integra se exprime. Tudo mais é pura obra de ficcionista, em que à evocação, por um lado, e à imaginação, por outro, se aliou um destino de tragédia, subitamente revelado a cada um dos personagens que neste romance morrem ou sobrevivem. É este encontro com o sentido trágico, o desespero humano na salvação e na destruição, a trajectória secreta, os pólos tangíveis do signo da ira (COSTA, 1996).

Estas ocorrências caracterizam o romance polifónico que Bakhtine relaciona com a pluridiscursividade e dialogismos. As personagens de *OSDI* têm autonomia nos seus discursos cabendo ao leitor, ou ao narrador, atribuir juízos de valor aos diferentes textos. A integração dos vários discursos das personagens coloca em confronto os vários pontos de vista e ideologias de cada um.

Uma áurea de fatalidade e conformismo envolve as personagens numa latente progressão para um epílogo trágico. Os pequenos gestos ou curtos diálogos proporcionam à monotonia dos curumbins raros momentos de extasia sentimental. Bostião, Natel e o soldado expedicionário português sustentam um triângulo amoroso. O primeiro aflora em si os indecifráveis desejos adolescentes despertos pela perspectiva do casamento. Uma involuntária fatuidade graça nos seus pensamentos: “Quanto não dariam as raparigas como ela para ouvirem da boca dos noivos que os pais e parentes lhes arranjavam palavras como aquelas que ela ouvira?” (*OSDI*, p. 9).

Se aprofundarmos esta referência etnográfica de combinar casamentos torna-se mais dócil a personagem de Natel, atraída por um *pacló*. O jovem militar português inibe os mais intensos impulsos que a atracção possa suscitar numa adolescente curumbina. Encontramos na narrativa um sustentar de frases que ilustram a periclitante relação entre os portugueses e a população.

“Malditos demónios que nos vieram perder...” (*OSDI*, p. 16)

“ – É gente estrangeira não são como nós.” (*OSDI*, p. 28)

“Para eles seremos sempre os hóspedes indesejáveis...” (*OSDI*, p. 211)

O narrador de *OSDI*, através do engrandecimento do discurso, projecta-nos para detalhes pictóricos e temporais que nos preparam para o desenrolar de acontecimentos que afectam um colectivo de personagens. No seio do aglomerado rural cada família vagueia nos seus desígnios cimentados em vagas convicções. As personagens Bostião, Natel, Quitru, Gustin e Coinção reflectem uma parte da juventude de Goa, da casta curumbin, numa época em que não havia luz eléctrica, o trabalho nas vanganas era duro e o perigo da fome espreitava como os ecos da guerra que transformou a “morte numa ameaça lenta e implacável, mais que uma fatalidade a que todos tinham, cedo ou tarde, de sujeitar-se” (*OSDI*, p.5).

No primeiro capítulo do livro o narrador, com pleno enraizamento na matéria social, avança na diegese alguns indícios carregado de denúncias.⁷⁴ Todo o sentido do texto se encaminha na dimensão humana, aprofundando o quotidiano das “ mal aventuradas gentes condenadas” vivendo constrangidas “em tempo de amor e de morte”. Muitos dos autóctones vão “tentar a vida noutros lugares” enquanto os mais velhos ficam presos àquela “ terra de míngua”.

Desde o início do século XX que a situação social se degradava nos campos goeses à sombra de um decreto de 1901 cujas consequências estão resumidas por Sandrine Bégue numa objectiva visão.

Un décret de 1901 avait renforcé ce régime d’esclavage en décrétant que les propriétaires pouvaient concéder provisoirement à leurs agriculteurs des terrains destinés exclusivement à la construction de leurs maisons, celles-ci pouvant être, par la suite, reprises à tout moment et sans aucun motif par la mitre.⁷⁵

⁷⁴ O escritor Orlando da Costa, a propósito do livro *O Signo da Ira*, salientou dois aspectos que o levaram a escrever este romance: «um aspecto em que eu estava longe da minha terra, e sentia como quase uma obrigação de denunciar uma situação por um lado, e por outro, revelar essa realidade que em Portugal se desconhecia». VALE, *op. cit.* p. 287.

⁷⁵ Bégue, *op. cit.* p. 974.

Em 1952 é nomeado o governador Paulo Bénard Guedesa a quem se deve uma superficial alteração do decreto no sentido de assegurar algum direito dos colonos à habitação. O essencial da hierarquia social hindu mantinha-se, continuavam a ser respeitados alguns comportamentos sociais nomeadamente entre brahmanes e curumbins.

A agricultura em Goa não era mais que uma actividade de subsistência, incapaz de assegurar bons proveitos aos proprietários das terras, estes acabam arruinados. Os latifundiários brâmanes, como *bab Ligôr*, exploram em bom estilo feudal as castas inferiores, os sudras e os *curumbins*. A sua decadência económica contrasta com a postura altiva e dominadora do *batcar*, na procissão ou na sua Casa Grande, onde recebe os gestos de humildade e vassalagem dos seus manducares e begarins. A inocente admiração de Natel diante da grandiosidade da casa de *bab Ligôr* ateaia uma terna humildade desprovida de cobiça:

Olhando para o interior da casa do batcará, Natel pensa que viver ali deve ser, apesar de tudo, bom. Um grande oratório de madeira escura, cheio de velas bruxuleantes, quartos de ladrilho vermelho com canapés e camas de dossel e mosquiteiros brancos, cadeiras de balouço com encosto e assento de palhinha espalhadas pela casa fora até nos corredores embostados que dão para as dependências das criadas. «Deve ser bom viver aqui!», pensou, mas a presença de Bostião, junto do corredor da entrada, passando a *garrafa para as mãos de Jaqui*, fê-la voltar a si (*OSDI*, pp. 88-89).

Aquela casa era muito diferente dos “casebres de taipa cobertos de olas secas e telhas quebradas” do povoado onde vivia Natel e “apesar de tudo” ela pensava que seria bom viver naquele lugar. Este “tudo” atrai uma implícita preocupação do autor em aproximar o enunciado ao mundo empírico do interior da “Casa Grande”. O casebre e a Casa Grande funcionam como modelos caracterizadores de vida, correspondendo cada um a estratos económicos e sociais diferentes embora dependentes de um outro espaço exterior, a terra.

A luta pela sobrevivência ocupa o quotidiano dos curumbins sem alcançarem uma libertação. Aconteceu a Coinção, depois a Natel, servas na casa de *bab* Ligôr, um indivíduo sem escrúpulos que se certificava ser ele o primeiro homem a se deitar com as suas criadas. Os actos impunes de “gélida violência” de *bab* Ligôr acomunados ao direito de pernada⁷⁶ ou, a matar um criado, enfrentam o antagonismo da ostensão cristã: “No peito, sobre os pêlos duros e grisalhos, brilhava um cordão de ouro com uma cruz e um escapulário ensopado em suor” (*OSDI*, p.130).

O trágico final da manducar Coinção estabelece, no plano simbólico, uma relação de tipo traumático com o presente. A sua morte parece concretizar um presságio que nunca se desviara do seu caminho, “a sua estrela é pálida, o seu destino amargo para uma rapariga da idade dela” (*OSDI*, p. 13). A morte como elemento psicanalítico funciona como forma de auto-reflexão diante o definhamento social e económico da população goesa. Duas personagens desenvolvem uma consciência social de revolta em confluência pela injustiça e pelos desafios á autoridade: a curumbina atreve-se a desafiar a autoridade do *batcar* na defesa do povo da sua casta, uma oposição às concepções históricas de submissão numa sociedade que era preciso contrariar, já sem vigor ou firmeza histórica para continuar por muito mais tempo; o soldado português assume uma significação delicada, como se um traço da História se atravessasse entre goeses e portugueses para suscitar intimidades oprimidas pelo colonialismo. O amor de Natel pelo soldado acaba por afastá-la do seu povo, refugiando-se na casa de *bab* Ligôr e recusando o casamento.

A presença militar portuguesa legitimava-se pela defesa do território, embora também represente o sacrifício involuntário, quantas vezes da própria vida. Entre as personagens apenas Natel acredita que nem todos esses soldados são maus perspectivando uma esperança de dilecção entre os dois povos. A simbologia do triângulo amoroso, Bostian, Natel e o soldado português, encerra o

⁷⁶ Direito do senhor em passar a primeira noite com uma serva pura.

interesse de Orlando da Costa em “dar a conhecer aos portugueses”,⁷⁷ através dessa relação “literária-empírica” factos que o Estado Novo afasta da opinião pública tanto quanto a distância afasta “portugueses” e goeses. Os soldados sentiam a repulsa e desconfiança entre os autóctones, a velha Bostian exprime com mais veemência discursiva a sua revolta pelos, “ malditos demónios que nos vieram perder” e o ódio aos colonizadores, “é gente estrangeira não são como nós” (*OSDI*, pp.16 - 28).

As personagens confrontam-nos e obrigam-nos a reflectir pelos seus comportamentos que desnudam o modo de viver numa sociedade colonizada. A desconstrução desta realidade conduz a uma nova ordem de cumplicidade, autor, o narrador e o leitor, própria dos romances realistas e neo-realistas. Nas quatro partes do romance *OSDI* a personagem central é um grupo social subjugado que num entrecruzar de caminhos com outras personagens de posição social superior manifestam em breves queixumes e frases intimistas a sua crescente revolta.

Ao apreciarmos o comportamento individual das personagens enquanto reflexos dos condicionalismos sociais e económicos comprovamos uma progressão discursiva na caracterização dos aspectos psicológicos das mesmas, roçando distúrbios interiores que serão premissas para circunstâncias futuras. Repare-se na valorização da cólera de Pedrú e do seu desejo de vingança através do uso de verbos afectivo-cognitivos:

Estava resolvido. Levaria até ao fim aqueles instantes de maligna inspiração, que o haviam iluminado como uma mensagem do outro mundo. Vingarse-ia de ambos, lavrando contra eles uma única sentença! Um era o homem que abusara da filha, servindo-se dele. O outro, o expedicionário que meses atrás, num dia de feira, ainda não sabia das relações ocultas que o ligavam a Rumão, o espancara em plena praça, em frente à cadeia e na frente de todos. «Miseráveis!» - exclamou. [...] Num instante percebeu que a sua condição era a mais miserável que se podia imaginar, lembrou-se da chicotada que recebera na cara, do tempo que havia passado e em que esquecera completamente o rosto do seu agressor até ao dia em que o vira, uma noite, inesperadamente, na taberna de Rumão. Convencidos ambos que ele estava bêbado e o dormir, tinham enchido, na sua frente, algumas

⁷⁷ Orlando da costa, em entrevista já citada, VALE, *op. cit.* p.287.

garrafas com a gasolina que o soldado transportava no jipe (*OSDI*, pp. 225-226).

As personagens que Orlando da Costa faz sobressair ascendem, assim, a uma categoria de “personagens provocatórias” ou seja, devido a situações futuras elas agitam as consciências para uma alienação que não se ousava assumir. Encontramos como exemplos desse “tipo” de personagens além de Pedrú, a manducar Coinção pois encarna o arrojo e a revolta do povo da sua casta, capacitada para dar” a sua vida para que a eles não faltasse de todo alguma coisa para comer durante aqueles meses”; a adolescente Natel, apaixonada por um soldado expedicionário, deslumbrada entre a vaidade de ser desejada pelo manducar Bostião e as aparições do militar. Entre o sonho e a realidade, numa terra onde os casamentos se combinam entre os pais, a jovem sente a necessidade de tomar a defesa do soldado correndo o risco de denunciar a sua paixão e quebrar o noivado.

- Esse homem – disse ela – que eles apontam...vinha ao povoado por minha causa. Sim por minha causa [...] Os seus soluços diminuíram, foram cessando, mas à sua volta, pairando naquele amanhecer tépido, os olhares ficaram-se defrontando numa estranha vigília de amor e ódio (*OSDI*, p. 248).

O romance vai-se alimentando de pequenas histórias envolvendo paulatinamente todas as personagens numa cadeia sucessiva de situações polvilhadas pelo secretismo a que as conveniências obrigam. Ou seja, parte da verdade apenas é conhecida por algumas personagens e, nessas verdades ocultas emergem sentimentos de frustração, erro, opressão. A verdade é friamente revelada tornando o presente mais sofrido. Senão vejamos a relação dialéctica curumbins/ bab Ligôr: a vassalagem que os primeiros lhe prestam e a tirania repressiva do segundo, espelham a relatividade dos seus comportamentos. A verdade é friamente revelada tornando o presente mais sofrido. Diante de tanta miséria se os curumbins revelassem que Coinção ajudara a retirar o arroz do celeiro a verdade seria apenas pequenas emendas que vinham do interior das personagens sem dimensão prospectiva. A dor, a humilhação e a resignação dos

curumbins explicam as atitudes de Pedrú. Não denunciou o negócio de Rumão em troca de uns copos de bebida assim como, não tivera coragem de revelar o verdadeiro motivo da morte da filha. Num confronto ideológico nem todos se juntam às fileiras de luta na engrenagem do confronto sócio ideológico. Uma das estratégias das obras neo-realistas é precisamente despertar nos leitores a sua consciência ideológica e crítica. Se tivermos em conta o facto do enunciado se destinar a um universo espacial muito amplo o escritor cuidou de perspectivar a sua mensagem numa dualidade de interpretação: ocidente/oriente.

Rumão e Coinção pertencem a mundos diferentes ultrapassando o imediatismo interpretativo que a narrativa à partida nos poderia limitar. Rumão vive um jogo entre os homens curumbins que bebem *fenin* na sua taberna e o ajudam a enriquecer, e, os soldados expedicionários que bebem macheira. Um destino trágico para ambos mas opostas memórias simbólicas após a morte: “Rumão tivera a morte que merecia”, enquanto Coinção será lembrada pelo seu “sacrifício”. A decessa de Coinção e de Rumão acentua a irreversibilidade do processo de mudança. A jovem deixa como legado a sua coragem e a defesa dos desfavorecidos ao facilitar o roubo do arroz.

O discurso narrativo acaba então por escoar os propósitos da estratégia ideológica de desmistificação sociopolítica do território colonial de Goa, servindo-se do impacto que o destino trágico destas personagens provoca no leitor. Transpondo a diegese deste romance numa sociedade rural portuguesa da época, encontramos analogias com os trabalhadores rurais portugueses. Relembramos a propósito a similitude de ideais apostos em Orlando da Costa, Alves Redol ou Jorge Amado, apontando as respectivas obras para a “denúncia viril da alienação do Homem Substantivado e um dedo apontado acusatoriamente contra as respectivas causas e contra os promotores dela”.⁷⁸

Anteriormente falámos do encaminhamento do romance para a “dimensão humana” na perspectiva de avaliação das suas elementares condições

⁷⁸ Torres, *O Mundo Em Equação*, 1967, p. 202.

de vida. Com eleito, o “homem” de que nos fala Orlando da Costa pertence a uma esfera histórico-social diferente do homem branco europeu, com as suas genuínas características biológicas.

Leconte de Lisle, mestre poeta do palacianismo, sublinhou que “o primeiro cuidado daquele que escreve em verso ou em prosa deve ser pôr em relevo o lado pitoresco das coisas exteriores”.⁷⁹ Com efeito, Orlando da Costa demonstrou essa preocupação nas suas descrições pictóricas e esmiuçadas de ambientes exteriores e interiores, pulverizando os espaços de compassados movimentos reveladores de uma calma cúmplice numa diegese que se prolonga por todo o período de uma vangana.

È importante salientar em *OSDI*, a preocupação com o homem “ser humanizado” capaz de reencontrar um sentido para a vida. O jipe dos soldados deixa um ruído feroz, mas a voz ouvida pelos curumbins é nova e vem de dentro dos seus casebres. È sem duvida um sinal de esperança que o narrador testemunha no silêncio que volta ao povoado onde os corações começam novamente a pulsar. São por isso significativos os três últimos parágrafos da narrativa:

Na estrada, envolto em nuvens vermelhas de pó passou a toda a velocidade o primeiro jipe daquele dia, deixando perdido no ar o ruído feroz do seu motor.

Como se sentisse novamente o coração a pulsar, Gustin avançou pelo terreiro até ao seu casebre. Uma voz nova chorava lá dentro.

Diante da porta estacou, baixou - se para o chão e, apanhando com piedade um punhado de terra seca, esfarelou-a raivosamente com os dentes (*OSDI*, p. 256).

⁷⁹ Segundo David Scott, *Pictorialist poetics*, Cambridge, 1988, p. 93. *apud* Aguiar e Silva (1991), p. 168.

1.2. O Último Olhar de Manú Miranda

O romance centraliza a sua acção na cidade de Margão, nas décadas finais do domínio português no Estado da Índia embora alguns capítulos se passem em Bombaim, ainda durante a colonização inglesa. Não sendo difícil ao autor estabelecer uma dialéctica entre a Margão, ao tempo dos acontecimentos narrados, e aquela que a distância física e temporal embarga as suas memórias, a “intensidade de sentimentos”⁸⁰ influi positivamente na sua estética literária.

Pela acção do narrador ficamos a conhecer uma abastada família brâmane urbana, marcada por tensões e angústias que eclipsam a busca pelas suas raízes. A exposição psicológica das personagens, ajustada às variantes sociais a que pertencem, remete-nos para culturas diferentes ilustradas por duas vidas equidistantes: Manú, brâmane, filho de proprietários rurais de Margão, e Xricanta, hindu, filho de comerciantes abastados.

A importância história-literária do romance *OUOMM* nivela-se na visão humana e social transversal em todos os capítulos. A narrativa no romance *OSDI* obedece a exigências menores de organização da diegese facilitando ao leitor a interpretação reflexiva. A originalidade do romance reside na “verdade substantivada”⁸¹ de uma narrativa “densa e caudalosa”⁸² onde não falta o realismo maravilhoso, tradições e crenças. Ainda a forma como Orlando da Costa esquematizou o seu discurso confere ao romance uma universalidade confortável. Ele consegue conciliar o diálogo entre culturas assente num espaço, a terra goesa, apesar de nesse mesmo espaço se dar a tragédia da sua família. Uma breve

⁸⁰Vale, *op. cit.*, p.294.

Em entrevista anteriormente citada o escritor assumiu a sua satisfação por conseguir revelar aos leitores a intensidade dos seus sentimentos.

⁸¹ «Específica correlação semântica do texto literário com o real é que permite falar, como muitos autores, desde Aristóteles a Lotman, têm sublinhado, na verdade substantivada dos textos literários – uma verdade que não se funda na correspondência com o real, com o mundo empírico, como acontece no discurso referencial, mas na modelização desse mundo, do homem e da experiência vital.» (SILVA, 1990:221).

⁸² Teresa Almeida. «Em Busca das Raízes. Recriação do Ambiente de Goa no Último Romance de Orlando da Costa», in *Semanário Expresso*, Lisboa s/d.

sinopse de *OUOMM* permite-nos encontrar na narrativa o paralelo entre as diferentes culturas e sua convivência.

O flagelo da pneumónica uniu no êxodo, cristãos e hindus. A família Miranda refugiou-se nas suas propriedades em Nuvem. O pai de Manú ficou como voluntário num corpo de enfermeiros e morreu semanas antes do nascimento do filho. Manú nasceu em Novembro no dia em que foi assinado o armistício e a sua mãe, Genoveva Maria, morreu logo a seguir ao parto.

Para começar, o seu nascimento deu-se fora da casa de família, numa situação só igualável à miserável condição de certas tribos nómadas de que só havia notícia, imaginava, nos planaltos desérticos do Decão.(...) Foi num ano que se tornou memorável pela desgraça e pelo medo espalhados igualmente entre ricos e pobres, senhores e servos, adoradores de um ou mais deuses, pelo abandono das casas e, finalmente, ao regresso a elas, ao reabrir de portão e janelas e dos guarda-roupas encerrados durante dias e noites de quarentena (...) (*OUOMM*, p. 49).

Exactamente no mesmo dia, 11 de Novembro de 1918, precisamente na mesma hora, nasceu o filho de um casal hindu vizinhos na mesma rua onde morava a linhagem Miranda, a família Raitucar aceitara refugiar-se da pneumónica na propriedade dos vizinhos.

À mesma hora desse mesmo dia, com a enigmática precisão dos mistérios insondáveis, também numa modesta casa de manducares da mesma propriedade da família Miranda, nascia outra criança do sexo masculino a quem os pais enlevados, momentaneamente esquecidos dos pavores que estavam a passar, deram o nome de Xricanta, seguido do nome do pai, Vassudeva, e do apelido Raiturcar (*OUOMM*, p. 51).

Serão percursos de vida diferenciados, marcados por valores culturais extrapolados na diegese, que nos vaticinam a heterogeneidade de cristãos e hindus. O nascimento de Manú envolto em acontecimentos funestos: a morte dos pais, e a pneumónica é compensado com nascimento de Xricanta. A criança cristã, Manú Miranda, foi baptizada numa pequena capela por um jovem diácono, numa cerimónia religiosa assistida pelo vizinho Vassudeva.

Todos os anos, pelo aniversário dos rapazes, Vassudeva expressava as suas graças a Roque Sebastião com a oferenda de uma bandeja de prata ornamentada com flores e doces que rodeavam um coco partido aos pedaços. As duas irmãs, tias de Manú Miranda, desagradadas com o gesto, fizeram chegar aos ouvidos do vizinho que o ritual não era mais do seu agrado. O incidente afectou as relações entre as duas famílias. O percalço não desmotivou o pai de Xricanta a voltar aquela casa, anos mais tarde, na véspera do dia de aniversário dos jovens para delicadamente informar Roque Sebastião que no dia seguinte se realizaria a “cerimónia de investidura do sut, um rito da religião deles, restrito e muito íntimo e que, por isso não o podia convidar a assistir” (*OUOMM*, p. 96).

Os jovens Xricanta e Manú encararam a puberdade no assentimento dos ensinamentos religiosos e parâmetros de educação cristã e hindu em que cada um crescera. Duas figuras femininas, a bailarina javanesa e a professora Lily despertaram os rapazes para experiências novas. Xricanta “aprendeu com os ensinamentos do pandit Raganahat a venerar os laços sagrados do acasalamento entre os múltiplos do cósmico firmamento hinduísta” porém para o amigo era um “símbolo bíblico do pecado” (*OUOMM*, p.99).

Os valores religiosos e a educação cristã eram fundamentais numa sociedade colonizada e eclética na escolha dos funcionários que exerciam cargos administrativos. Embora os autóctones fossem a maioria entre a população, os privilégios para os cristãos e para os indivíduos que escrevessem e lessem português eram suplementares.

(...) Bien que les hindous soient majoritaires sur l'ensemble du territoire de l'Estado da India, le régime veut réaffirmer l'identité chrétienne de l'enclave, suivant un double objectif politique. Il s'agit tout d'abord de fidéliser l'élite goanaise catholique qui seconde, à des postes de hauts niveaux, le gouvernement portugais dans la gestion de la colonie. Parallèlement, Salazar veut faire de Goa cet ancien berceau de la civilisation chrétienne en Asie et la préparer à être la cause martyre du catholicisme en Inde, en cas d'invasion armée.⁸³

⁸³ Bègue, *op.cit.*, p.301.

As regalias concedidas entre os habitantes de Goa remontam ao tempo em que Afonso de Albuquerque encetou uma política de conversão ao cristianismo e miscigenação no Oriente, concedendo privilégios aos convertidos. A evolução sócio-cultural nas colónias portuguesas interveio regulamentando muitas áreas do dia-a-dia das populações. Consideramos úteis para a nossa análise dois aspectos mencionados no texto de Oliveira Marques, reportados a séculos anteriores, porém determinantes para a História de Goa e em consonância com a ficcionalidade nos romances em estudo: a miscigenação e a mestiçagem

Os casamentos mistos em Goa começaram por 1509. Cada casal recebia um importante subsídio ou dois em dinheiro, o que rapidamente fez aumentar o número de consórcios. Em três ou quatro anos, mais de quinhentos casamentos se haviam efectuado, a sua maioria em Goa, mas uns quantos também em Cananor e Cochim. Os noivos eram em geral artífices e soldados jovens, com meia dúzia de nobres também, enquanto as mulheres pertenciam às castas mais altas hindus. Este facto irritou naturalmente os Goeses, que encaravam as uniões com desprezo e só relutantemente ou à força davam o seu consentimento. Mais tarde aboliram-se e a política casamenteira afrouxou, mas já quando estava a surgir uma casta de mestiços devotados a Portugal e contribuindo para fazer a sua presença em *Goa várias* vezes centenária.⁸⁴

Como vemos pelo resumo da narrativa a acção é valorizada pela harmonização entre o espaço, e a vida psicológica das personagens que por sua vez se ramificam noutros espaços. O número de personagens no romance é muito extenso, num entanto algumas delas com relativa evidenciam uma valorização ideológica que no sentido de maior protagonismo em relação às restantes. Esta tendência distancia-se da primeira fase do neo-realismo pautado pela valorização das personagens colectivas. A última fase do neo-realismo coincide com uma época da História marcada já por muitas vitórias políticas e sociais ou, pelo andamento dessas lutas no sentido da vitória. Sem entrarmos numa exaustiva enumeração de todas elas identificaremos os traços que o romancista formulou

⁸⁴Oliveira Marques, *op. cit.*, pp. 340-341.

para algumas com vista a conferir autenticidade para os múltiplos planos temporais.

Roque Sebastião é o tio paterno de Manú Miranda, um homem de rotinas e desocupado. Antes de morrer fez do sobrinho o seu herdeiro de uma casa “de origem, mais tarde ampliada e modificada com rara nobreza, remontaria, se não aos primórdios da aldeia principal”. Símbolo da presença portuguesa e do colonialismo, a casa precisava de sobreviver por isso o seu proprietário dizia: “Esta casa para sobreviver precisa aqui dentro de sol e de chuva e o vento que entre sempre que queira” (*OUOMM*, p. 45). Era na sua sala que se juntava aos amigos a jogar bridge e assinalava num mapa os movimentos militares. Num tempo em que eram poucos os rádios em Goa, o gãocar comprou um *Telefunken* que lhe permitia ouvir as notícias da *BBC*.

Rosária, a velha aia apegada às tradições e costumes amaldiçoava o suicídio e a luxúria. Após a morte de Roque Sebastião e o casamento de Manú decide abandonar a casa. Nessa caminhada anteviu o seu enterro imaginando uma cova aberta onde repousavam, em vala comum, os restos mortais dos seus familiares contrastando com as campas de pedra, mármore e musgo, dos antecessores do seu senhor.

Emílio Xavier, colega de quarto e confidente de Manú enquanto frequentavam o sétimo ano, aceita representar o amigo na cerimónia matrimonial quando Manú casa por procuração. Durante a cerimónia ocupa o lugar do noivo.

As alterações da narrativa sofrem duas categorias de motivação na diegese: a realista e a maravilhosa. A primeira está ligada, no romance em análise, ao “tempo público” da colonização e autodeterminação na Índia. A experiência usufruída pelas personagens durante este “tempo público” conduz a estados psicológicos de ansiedade e crises de identidade quando a personagem se estaciona no “seu tempo privado”. Na diegese “o tempo público” veiculado pelos

acontecimentos históricos, ao nível da diegese corre em paralelo ao” tempo privado” das principais personagens.⁸⁵

A densidade psicológica das personagens permeabiliza virtualidades, umas mais, outras menos cépticas, permitem-lhes recuperar os seus trajectos pelo alívio que causam nas suas tensões e consciências. Além de uma preocupação estilística, o escritor conferiu ao realismo maravilhoso verosimilhança, pela naturalidade e frequência da sua presença no quotidiano das personagens.

A casualidade de Manú Miranda e Xricanta terem nascido no mesmo dia e na mesma hora era uma coincidência estranha. Rosária explicava o sucedido como uma predestinação, as crianças estavam destinadas a serem gémeas não fosse a intervenção do demónio, o “*deussar*”. O facto de serem “gémeas” é a metaforização de “mundos opostos”, ainda que se comportem como irmãos e falem entre si em concanim. Xricanta, hindu fala concanim e marata, estuda numa escola diferente sentado no chão. Manú Miranda é cristão, baptizado, fala também português. Outro exemplo é o episódio do Sarampo. Todos desconheciam como os dois rapazes adoeceram em simultâneo. Rosária lançou o prognóstico ao ser conhecida a debilidade de Manú – só poderia ser sarampo tal como estava a suceder com Xricanta. Entre os médicos surgiram algumas teorias para o sucedido por falta de explicações científicas. O doutor Aniceto Condorcet Pereira preferia acreditar na teoria do hipnotismo *sommeil lucide*, do abade Faria. Afinal a estranha coincidência, poderia surgir por algo parecido a libertação de energias.

Além da doença, também o nascimento e a morte são factos reais do quotidiano natural, sujeitos a conjecturas sobrenaturais por razões culturais ou sociais. Rosária pertence a uma classe humilde não receia, pela sua simplicidade, expor as suas opiniões e crenças. O padre, os médicos ou a família Miranda repudiam as crenças da manducar sem no entanto encontrarem respostas dentro da sua racionalidade.

⁸⁵ Vale, *op. cit.*, p. 303.

As irmãs gémeas, que o são na realidade, estão predestinadas a viverem juntas o nascimento, a doença e a morte. Reféns de valores históricos e sociais dos antepassados, elas representam o apesamento religioso, a intransigência e o recalque dos sentimentos. Leonor e Inês Benigna não se adaptam à mudança, são incapazes de conviver com pessoas de outras religiões. Estas incompatibilidades deixam-nas sós, orgulhosas e teimosamente sós. Elas não terão lugar no futuro daquela terra, daí a morte física e ideológica daquilo que elas representam: opressão, maldade e autoritarismo.

O nosso enfoque centra-se agora no olhar do escritor sobre as relações amorosas das suas personagens e a amplitude das suas vidas sentimentais.

O herói do maravilhoso é caracterizado pela sua fragilidade na relação ao mundo empírico. A sua capacidade de agir é fraca e a relação que tem com os sentimentos é uma busca de sensibilidade. Em *OUOMM* existem três personagens na diegese que assumem funções relevantes nesta área: Emílio Xavier, Manú Miranda e Roque Sebastião.

Emílio Xavier é o herói aventureiro, desafia os seus mitos. Manteve um relacionamento amoroso com uma mulher ocidental, Martha Catarina dos Reis Meneses “a quem pôs o requintado nome de Lady Pryscilla”. Uma conquista mais que uma paixão, «“ foi como que um símbolo dos colonizadores e através dela você encontrou a melhor maneira de se vingar deles.”, — satirizavam os amigos» (*OUOMM*, p. 260-261). Ele representa as imperfeições das sociedades europeias, no vício do jogo e nas paixões. A sua excentricidade desprende-o de convenções e no entanto floresce ao descobrir que, para além da fronteira de Goa, há uma terra a pulsar pela sua autonomia. Este personagem opõe-se ao herói histórico Manú, ou a Roque Sebastião. A intimidade com o colonizador e o afastamento, tanto como o arriscar no jogo, configuram-lhe características psicológicas de luta e ousadia. Ele é um personagem para o tempo histórico presente mas também para o tempo histórico futuro.

O amigo Manú Miranda vive o amor numa “clausura”, um espaço sem luz apenas alimentado das sensações que fertilizam as memórias. Os espelhos

substituíram os retratos de família, a velhice reservara-lhe apenas da história a sua própria imagem, o espelho do envelhecimento, o fim metafórico da presença colonial. Tio e sobrinho herdaram e viveram numa casa sem janelas a nascente, como se vivessem de costas para o sol. O primeiro “comprometido” com o amor mas sem a coragem que via nos manifestantes hindus, o segundo sem conseguir desprender-se do mito e voltar-se para o futuro.

Não chegou a ter o fim do império luso, de que episodicamente fizera parte, qualquer visão apocalíptica, como nunca chegará a pronunciar com igual e total indiferença as palavras invasão e libertação, ao pensar no novo destino já traçado para a sua terra natal (*OUOMM*, p. 321).

Segundo a nossa perspectiva existe uma deterioração no personagem Manú Miranda análoga à identificada nas personagens do *nouveau roman*, por Jean Ricardou e que diferencia, o “antigo romance” do “novo romance”. Efectivamente, o “personagem vai perdendo tudo o que o identificava, lhe conferia solidez e relevo: a genealogia, a crónica familiar, a fisionomia, a idiossincrasia bem definida (...)”.⁸⁶

Tzvetan Todorov classificou de Realismo Maravilhoso obras, como *OUOMM*, em que não é possível encontrar uma explicação racional para determinados fenómenos que acontecem. Extraímos de *OUOMM* alguns desses fenómenos que apoiam a ficção:

A alusão a Parsurana (p. 296), chefe de expedição árico que teria dominado o malabar e, de acordo com a lenda, teria lançado do alto da cordilheira dos Gates uma seta para o mar fazendo-o recuar. As águas deixaram a descoberto o Concão, a faixa litoral da península indústânica, onde ao sul, se localiza Goa.

As árvores Kuiâmrok têm uma energia sobrenatural de encantamento, deixara de crescer para, segundo a lenda, não provocar os céus (*OUOMM*, pp. 116-117).

⁸⁶ Aguiar e Silva, *op. cit.*, p. 262.

Um outro exemplo está patente no relato daquele dia memorável de finais de Outubro. Muita gente foi ao circo, Manú, Xricanta estavam entre o público de um espectáculo de circo, elemento do maravilhoso que causa fascínio, estranheza e deslumbramento. A sessão das previsões do hipnotizador comprovadas pelo público como as “adivinhações de Rosaria”, o percurso invertido dos ponteiros dos relógios está em acordo com o encadeamento dos episódios da vida de Manú Miranda. Precedendo estes há um outro relógio, o relógio de bolso que também marca três da tarde de um dia silencioso marcado pela solidão e abandono do protagonista. As referências ao tempo corrigem a combinação sociocultural imposta através do tempo progressivo, estabelecido pelas escadas que ele tem de subir até alcançar o patamar do primeiro piso.

As tias gémeas embora geradas no mesmo ventre, desenvolveram-se de costas voltadas uma para a outra estavam condenadas a adoecerem juntas e morrerem no mesmo dia, na mesma hora. O instrumento determinante para as suas mortes está no segredo guardado numa carta, num diário ou no coração. A oração é um momento de aproximação a Deus, o único que saberá toda a verdade e está para além da morte.

Também Orlando da Costa encontrou um amigo e um protector de uma outra raça, de uma outra condição. «Adelino era – e continuará a ser – o personagem principal dessas “três primeiras histórias da minha vida”.⁸⁷

Sem entrar numa “literatura de guerra” Orlando da Costa coloca-nos num espaço telúrico colonial roçando a tragédia de uma guerra iminente. As vítimas e eventuais confrontos militares assombravam Goa, vivia-se “uma paz podre (...) começavam a sentir-se os primeiros sinais sérios de agitação e para todos – governantes e governados –, adivinhava-se um tempo tenso de opções e encruzilhadas” (*OUOMM*, p. 291).

Goa começou a despertar para a contestação à ocupação portuguesa contagiada pela luta travada na Índia pela independência.

⁸⁷ Albina Santos Silva, *op. cit.* p. 116.

Entre o racionamento e o mercado negro, Goa, parecia emergir da neutralidade de olhos vendados. Como nunca dantes aconteceu, chegavam cada vez mais tropas expedicionárias, vindas da metrópole e, de Moçambique, batalhões de soldados landins comandados por brancos (*OUOMM*, p. 290).

As evidências militares provavam a veracidade das suspeitas que pairavam em Goa. Até então os jovens goeses tomavam conhecimento da existência de uma oposição ao domínio colonial britânico, quando saíam do território.

Car un dépit du légendaire isolement de Goa, les idées et les informations circulent par li biais de ces migrations. Certains goanais se servent de leurs relations familiales à Bombay pour faire publier dans la presse indienne, par le biais d'une lettre à un parent chaque décret ou mesure considérés comme injustes, alertant constamment les membres du Parti du Congrès et entretenant le conflit luso-indien.⁸⁸

Manú Miranda e Emílio Xavier vão descobrir essa luta durante a permanência em Bombaim, “não resistiu a enfiar o papel, que trouxera dobrado no bolso do seu casaco” (*OUOMM*, p. 230). A esta referência factual recorre Orlando da Costa, como veremos adiante em *SFNC* (p.79), os panfletos atirados “aos molhos” que se espalham tal como em *OUOMM* se espalham nas ruas, divulgando uma mensagem de libertação.

Determinado em alcançar a independência, o povo indiano organiza um movimento tinha por slogan *Quit India*- saiam da Índia. O seu líder, Mahandas Karamchand Gandhi, tornou a luta mais evidente sustentando uma política de não-violência pela independência dos territórios colonizados. Contagiava também Goa o espírito de oposição aos colonizadores. Relembramos que em 12 de Agosto de 1941, o primeiro-ministro britânico, Winston Churchill por ocasião da assinatura da “Carta do Atlântico”, prometeu o fim dos Impérios, mais tarde reconsiderou a sua posição.

⁸⁸ Bègue, *op. cit.*, p. 152.

O narrador preocupa-se em esclarecer o leitor para o discernimento espelhado nalguns sectores da população. Os espaços geográficos interiores, e sociais, destinados à contestação ou reflexão limitam-se ao círculo de amigos, alheios a presenças estranhas. Uma evidência do receio que a população tinha em se manifestar. O personagem Ubaldino Antão, um *chardó*⁸⁹ natural de Saligão de carácter democrata e respeitador, mandara colocar uma placa na residência dos estudantes onde se lia: “ Aqui não há castas” (p. 124). O alerta para Manú Miranda vem deste personagem: “ você acha que o fogo uma vez pegado ao rastilho não vai chegar até nós? Pois eu digo-lhe que ele já cá está (...) ” (*OUOMM*:207).

Anterior à manifestação em Goa de descontentamento à Metrópole um outro acontecimento agitou os meios políticos e é mencionado no romance *OUOMM* pelo narrador:

O representante do governo colonial, o civil que assumira a magistratura de um processo que deveria pressupor tacto e disponibilidade para negociações e entendimento destinados à pacificação do ânimo de todos os habitantes, teve de se retirar do território depois de ter cometido a desfaçatez de desafiar em carta aberta, com arrogância e sem o menor sentido diplomático, a aura serena do Mahatma Gandhi (p.291).

Efectivamente, o governador José Bossa enviou uma carta a Gandhi, em resposta a um artigo que este havia publicado no jornal *Le Harijan* em 30 de Junho de 1946, incitando os goeses à revolta.⁹⁰ O conteúdo da carta considerado na generalidade, autoritário e idiota, acusa o líder hindu de interferência na vida interna do país além de expor as razões ideológicas e morais da missão civilizadora na Índia.

A memória perfilha em, *OUOMM* e, *SFNC* uma função crucial na construção dos planos da historia e na multiplicidade de planos temporais, embora

⁸⁹ Classe social inferior à dos brâmanes.

⁹⁰ No artigo pode ler-se: “to the inhabitants of Goa, i will say that they should shed fear of the Portuguese Government as the people of others parts of India have shed fear of the mighty British Government and assert their fundamental right of civil liberty and all it means”(Gandhi *apud* Bègue, p,146).

repressora dos comportamentos das personagens. Realmente a acção opressiva do regime político de Salazar revê-se no comportamento das personagens especialmente, as pertencentes das famílias cristãs como a família brahmane de Manú Miranda. A morte das irmãs gémeas Leonor e Inês Benigna, e do Pai em *OUOMM* e *SFNC*, respectivamente, traduzem a opressão do regime – os laços com o passado – impossíveis para eles de serem quebrados. Tal como a política de Salazar, as personagens eram intransigentes à mudança. A morte física metaforiza o fim do Império. O suicídio de Roque Sebastião em *OUOMM* é a prova da sufocação das personagens que não escapam às vozes da loucura e da consciência pela opressão em que viveram.

Entre as delações que o escritor cuidou em apontar ressalta a questão da mestiçagem bem como o preconceito português e colonizador contra as outras raças. Desculpava-se, quando necessário, o relacionamento dos homens brancos com mulheres negras “pelas superiores aptidões colonizadoras portuguesas”.⁹¹ O facto não deixava de preocupar os políticos e figurar em trabalhos de antropólogos. Em 1934 realizou-se no Porto o I Congresso Nacional de Antropologia de onde se lavrou o parecer final de considerações pesadas sobre a miscigenação. A dado passo lê-se:

Uma prática reprovável e a evitar. Embora os estudos científicos apresentados não corroborem a tese de uma inferioridade do mestiço, julga-se conveniente desaconselhar, por razões de ordem social, os contactos sexuais entre «raças» diferentes.⁹²

O rastilho da política discriminatória colonial portuguesa é inevitavelmente um factor presente na diegese dos romances e no texto dramático do nosso *corpus* de trabalho. O relacionamento entre colonizados e colonizadores

⁹¹ Vicente Ferreira pronuncia-se contra a miscigenação declarando: «Em Portugal há quem o considere [o mestiçamento] uma característica da raça. Gabamo-nos, até, da facilidade com que os portugueses se acasalam com as mulheres de cor, demonstração evidente - segundo os tais - das superiores aptidões colonizadoras portuguesas!» (Vicente Ferreira apud Castelo, 1999, p. 84).

⁹² Castelo, *op. cit.*, p. 111.

obedecia a tradições enraizadas por muitos séculos e alimentadas por conveniências nem sempre perceptíveis a todos, como anteriormente exposto.

Algumas personagens que se nos aparentam despojadas de sentimentos interiores, calam as relações amorosas e os filhos dessas aventuras pesando esse segredo no percurso das suas vidas. Anteriormente, em análise a OSDI, falámos da atracção entre Natel e o soldado expedicionário português, voltamos em *OUOMM* a encontrar personagens que nos fazem repensar nas relações amorosas durante o colonialismo português. O tio de Manú, Roque Sebastião teria vivido um romance com a ama do sobrinho, “uma mulher alta e de pele escura. Tinha um rosto oval e ovais eram os olhos negros de um manso fulgor sensual, tal como o sorriso que se desprendia dos lábios bem desenhados e carnudo” (*OUOMM*, p.55).

Avultam na diegese as interrogações sem resposta, por tão óbvias seguramente mas inconvenientes para Roque Sebastião. Impensável o descendente de uma família de gãocars, das mais antigas de Margão, manter uma relação amorosa com uma criada senão como amante, pior seria assumir a paternidade de uma criança nascida dessa união e aceitá-la como herdeira legítima. Da passividade do narrador está implícita a intenção de ser o leitor, pela sua liberdade semiótica⁹³ a preencher as dúvidas de Roque Sebastião sobrepostas às interrogações retóricas ao ser surpreendido pelo filho de Preciosa filho, companheiro da mãe até à sua morte: «“Se estava tão doente, por que não me veio dizer antes e só me aparece agora?! (...) ” E o seu pai? ” (...) “ Disse que partia de vez, sem ter a certeza se eu era realmente se eu era seu filho ou não”» (*OUOMM*, p.302).

Este assunto é retomado em *SFNC* expondo-nos o conflito familiar pelo nascimento de uma criança fora do casamento. O filho, Bostu será “afastado” da

⁹³ Entendemos por liberdade semiótica uma das exigências que o texto faz ao leitor e definida por Aguiar e Silva: como um exercício que se funde na interacção das próprias estruturas textuais, com os instrumentos, os processos e as estratégias de descrição, análise e interpretação utilizados pelo leitor (1990,94).

mãe, embora tão perto, e ambos serão, como veremos mais adiante, apanhados entre os “valores materiais” e os “valores morais”.

A narrativa avoluma a sua consistência histórica pelo recurso a outros elementos da realidade goesa. O papel desempenhado pela imprensa durante as últimas décadas de luta pela afirmação do povo Goês. O *Ultramar* foi o primeiro jornal privado de Goa, propriedade Bernardo Francisco da Costa, eleito deputado em 1857 para as Cortes de Lisboa, onde ficou até à sua morte em 1911. António Maria da Cunha foi jornalista de *O Herald*, outro dos jornais citados na transcrição, até 1908. Apresentava ligações e simpatias pelo governo central, será aliás este último jornal a publicar, após a invasão de Goa em 1961, uma edição extra onde na primeira página se lia, *Jai Hind!*

Outro momento político mencionado na narrativa, este de protesto ao regime, aponta a contestação ao Acto Colonial publicado em de 4 de Julho de 1930. O artigo do referido documento causou a indignação do jornalista anti-lusitano Luís Menezes Bragança,⁹⁴ director do jornal *Pracasha*.

Foi, porém, a publicação do Acto Colonial, que fez realmente agitar a tranquilidade da colónia, quando numa Sessão do Conselho do Governo se fez ouvir a voz de um nativo ilustre, denunciando o «dogma colonial» nele contido e, com todo o vigor e brilhantismo de tribuno eleito, repudiar a subalternidade a que ficavam sujeitos os cidadãos das colónias do Império Português. «É verdade, foi na sessão do dia 4 de Julho de 1930, há oito anos portanto, teria você, o quê? talvez doze anos, que isso aconteceu, disse Ubaldino Antão. Foi então que Manú Miranda soube tratar-se do director do jornal «Pracasha», que ele tão cheio de curiosidade lia em casa do seu tio Roque Sebastião. (...) O jornal «Pracasha» havia sido suspenso por portaria do Governador-geral e no próprio dia em que o seu director faleceu desembarcava em Goa o novo representante do governo [...] O primeiro acto do novo Governador, logo após a tomada de posse, foi propor

⁹⁴Bragança *apud* Sandrine Bégue, *op. cit.*, p. 132.

Bragança reagiu ao Artigo 2 do acto constitucional declarando: «Portuguese India does not renounce the right of all people to attain the fulness of their individuality to the point of constituting units capable of guiding their own destiny for, it is birth right of its organic essence...I consider it the most fortunate moment of my public life when the inexorable determination of facts imposed on me the duty of revindicating for my country the right to decide its own destiny, by repelling the absurd pretension of perpetual subjugation. By implication both appeared to be in favour of the freedom of Goa and ultimately its integration with other parts of India» (.Shastry:1986:38).

ao salão nobre do Palácio do Hidalcão, sob o olhar distante e mortiço dos vetustos retratos dos Vice-Reis da Índia, um voto de sentimento em memória do insigne jornalista e cidadão goês (*OUOMM*, 176).

A associação do tempo e da história na diegese permanecem em fluida anacronia nos momentos introspectivos das personagens. As vozes, os discursos, os cânticos, ficam na memória mesmo quando os emissores não estão presentes, Aquilo que fica no receptor é o essencial, a mensagem, de amor, de protesto ou de denúncia.

Lembrou-se que um dia Xricanta dissera, já não se lembrava se a propósito da morte do seu venerando avô, cujas cinzas haviam sido espalhadas ao largo da praia de Colvá, ou se, por causa do jornal «Pracasha», que tinha acabado de ser oficialmente suspenso: «*não se pode Silenciar aquilo que um dia se fez ouvir*» (*OUOMM*, p. 254).

As alusões ao Abade Faria realçam a notabilidade de um goês que se destacou no estudo dos fenómenos sonâmbulos. Note-se que o escritor não ficou indiferente à importância dos estudos do Abade Faria, recorrendo à sua figura, assim como o fez Alexandre Dumas, para formar o personagem Padre Vicentino.

A influência da imagem do Abade Faria era muito notória em Goa e o território homenageou-o em 1945 quando foi apresentada uma escultura em bronze da autoria de Ramchandra Panduronga Kamat.

Era uma prática que se tornara já tradicional, aquela celebração entre apenas quatorze famílias brâmenes vivendo na mesma rua dos Prazeres, que também nessa década de modernizações passou a chamar-se Rua Abade Faria, em homenagem ao famoso conterrâneo que há muito que merecia uma condigna consagração da terra que o vira nascer. «Acabamos de cumprir um dever que há muito todos os goeses esperavam!», dissera com solenidade o doutor Aniceto Condorcet Pereira no final do seu discurso na Câmara Municipal de Margão. «Uma iniciativa que honra sobremaneira todos os munícipes marganenses», escreveu o «Ultramár» de Bernardo Francisco da Costa, enquanto o «O Herald» de António Maria da Cunha exaltava o tom genuinamente patriótico das palavras do doutor Condorcet na sua intervenção final da sessão da Câmara classificando-a de «*o discurso da década!*» (*OUOMM*, 120).

As irmãs gémeas e a aia Rosária funcionam como oponentes críticos dos domínios psicológicos. O comportamento de Rosária oscila entre o paradoxo dos mandamentos cristãos e a superstição. A aia condena a luxúria e o suicídio, acompanha todas as fases da vida de Manú Miranda, não resiste contudo a permanecer na mesma casa e assistir à degradação do protagonista.

Amor e paixão, que Rosária, no entanto, sabia ser um fogo profano a arder na consciência de Manú Miranda e de que ela não concebia poder ser de algum modo cúmplice, pois sabia que ele estava a deixar perder irremediavelmente a fé para ceder aos prazeres da carne (*OUOMM*, pp.315 – 316).

Pressionado durante o seu crescimento pelos valores da história e da religião Manú foi objecto das sórdidas atitudes das suas tias gémeas que abraçam o ideal de verem o sobrinho entrar para o clero. O fanatismo religioso das manas não evitou algumas hostilidades entre seguidores de outras crenças e foi levado ao extremo até ao final dos seus dias. Convictas do seu poder em controlar o futuro do sobrinho fazem constar no seu testamento a intenção de fazerem do rapaz único herdeiro:

Consolidado o valor dos dotes respectivos, ficara feita a promessa de aquele sobrinho receber por inteiro esse legado, desde que, em nome da castidade, ele se decidisse pelo sacerdócio como vocação e, por aspiração e brio viesse a ser sagrado bispo (*OUOMM*, p. 57).

A falta de vocação eclesiástica do jovem não demoveu as tias da firme decisão em cumprirem a cláusula do testamento e deserdarem-no.

Despojadas dos seus sonhos purpurados, as manas Inês e Leonor nunca perdoaram ao sobrinho aquele seu súbito e terminante abandono do seminário. [...] Vingativas, haveriam de morrer, sem que o rancor se fizesse verdadeiramente ódio e a única maldade que souberam praticar foi assumida no testamento (*OUOMM*, p. 103).

O facto de ter sido retirado do testamento das tias não prejudicou o rapaz, o seu futuro foi garantido pelo tio Roque Sebastião. Para além da herança material

o tio deixou-lhe um outro legado metafórico, o diário, uma ligação perturbadora aos seus antepassados. Convergem para a angústia do personagem principal duas situações alegóricas de morte, morte telúrica enraizada na História e morte espiritual, a morte da pessoa que ama, “o que o tempo leva, jamais se reconstrói”. O refúgio ao escrever no diário acaba resultando num monte de papéis que não são mais que retalhos de uma vida rasgada por uma “dilacerada solidão” (*OUOMM*, p. 313).

O título do livro, *O Último Olhar de Manú Miranda*, retrata a crise profunda de uma sociedade em conflito de identificação. Manú conheceu outra sociedade para além da goesa, viveu, embora por pouco tempo, num meio conflituoso em crise política, conviveu com uma cultura mais ocidentalizada. Em Bombaim “gigantesca e famosa cidade colonial do império britânico, porto de mil comércios e muitas centenas de milhares de ilusões” (p. 219).

O personagem “desmonta” o seu eu interior, e, entre os fragmentos procura resolver os seus conflitos. Mas envelhecera e só herdou os “rumores” que passavam de geração em geração:

Mas muito antes que o futuro chegue a esta casa por mim mandada reconstruir» – estava escrito como uma maldição, por outro punho, com outra tinta, na mesma página do diário iniciado gerações atrás – «haverá sempre um vazio quieto e pesado, cercado por paredes tão altas que as palavras se perderão a partir da altura de um homem.» [...] «Hão-de soltar-se como as pétalas de uma flor antes de se converterem em simples sons e há misturar-se com o ar e o pó dourado pela luz do sol filtrada por frestas, janelões e reposteiros, e, finalmente, pousarão como um véu de silêncio frágil no gesto imobilizado de mãos postas sobre os joelhos ou assentes nos braços dos cadeirões de espaldar sem nunca, nunca tocar o chão, deixando de sobra apenas o espaço para os rumores do vento vindo das traseiras, que de enigmáticos se farão perversos e familiares tal como os do sobrado que cairão como teias de aranha em busca de luz, rumores que já ouço, apesar da minha surdez avançada, e que fazem parte da herança que lego ao mais directo descendente do sexo masculino, que, entre outros que houver, mais a merecer (*OUOMM*, p.17).

Os rumores do passado surgem sistematicamente confusos, a pouco e pouco a solidão toma conta dos seus dias e na procura de alívio Manú Miranda

tenta reescrever o diário. Como atributo do sofrimento passado, o diário tem uma outra plurissignificação, ele é o percurso de uma terra que está prestes a mudar a sua história. Entre esses sussurros ouvia o hino, uma melodia que “depressa fixara” e nunca mais esquecera “mesmo, quando muito mais tarde, só e envelhecido, já só ouvia rumores e, distantes certas vozes adormecidas do passado” (*OUOMM*, p. 88).

O suicídio de Roque Sebastião é também o sintoma do estado de sufocação das personagens incapazes de se libertarem das vozes da loucura e da opressão em que vivem. As idiossincrasias espelham as contingências de amor e morte que envolvem a família de Manú Miranda.

O percurso do protagonista até resvalar na fase apocalíptica da sua vida é acompanhado, ao longo da narrativa, por relatos históricos conciliados com as fases da infância, adolescência e idade adulta. O cuidado do autor em tornar a estrutura factual credível vem revelar uma das características substanciais de um romancista: a capacidade de transfigurar a realidade, rivalizando a “maneira de retratar as personagens o facto de nunca deixar o leitor esquecer que se trata de uma obra, e não de um documentário”.⁹⁵

A positivação da nossa avaliação de Orlando da Costa é suportada pelas palavras de Carlos Reis: “O romance constitui o campo privilegiado de recolha de materiais humanos e sociais a que sociólogos e historiadores da cultura reconhecem um certo valor documental”.⁹⁶

A narrativa abrange três etapas da vida de Manú tocando em euritmia o desenvolvimento distinto do seu amigo Xrincanta. Até aos treze anos frequentou o Liceu D. João de Castro, seguiram-se outros três anos de explicações por professores habilitados para o ensino de disciplinas do segundo ciclo. O último ano do ensino secundário frequentou-o em Pangim.

⁹⁵Roxana Eminescu, *Novas Coordenadas no Romance Português*, p. 110.

⁹⁶ Reis, (1995), *op.cit.*, p. 149.

Era o liceu D. João de Castro, outro dos nomes insignes, a juntar-se aos de Vasco da Gama e de Afonso de Albuquerque na galeria «gloriosa gesta lusíada», expressão que ficou gravada desde tenra idade na memória confusa de Manú Miranda de tanto a ter ouvido em celebrações oficiais, solenes e patrióticas, mas cujo significado só mais tarde terá entendido (*OUOMM*, p.88).

Estas escolas frequentadas por cristãos e dependentes do regime político certificavam a transmissão de valores e símbolos da pátria. E evidente que ainda existe uma política de solidificação da presença em Goa através do *Padroado* reforçada pela acção de Dom José da Costa Nunes.

Dom José insiste sur l'amélioration de la formation intellectuelle et morale de son clergé pour renforcer l'autorité et le prestige du Padroado en Inde.

Plus généralement, il s'attache à défendre l'Héritage portugais dans l'éducation, autant pour encourager les vocations au séminaire que pour mieux sensibiliser la population au discours de son Église. Dom José part alors d'un constat opéré, dès son arrive en janvier 1942, lorsqu'il Remarque que parmi les nombreuses écoles présentes sur le territoire, les plus fréquentées restaient celles qui privilégiaient l'enseignement de l'anglais au détriment des cours de langue et de civilisation portugaise.⁹⁷

Na verdade, muitas crianças nas escolas não entendiam bem o significado do hino nacional nem a simbologia de muitas cerimónias oficiais. Entre muitos desses alunos estavam futuros emigrantes para Bombaim e África. A vantagem de terem aprendido português, e um pouco de latim, colocou Manú e o amigo Emílio Xavier habilitados como funcionários dos serviços de censura, em Bombaim.⁹⁸

⁹⁷ Bégue, *op. cit.*, pp. 98-99.

⁹⁸ A 16 de Janeiro de 1946 Froilano de Melo, único deputado independente para a representação de Goa no Parlamento, no seu discurso na Assembleia Nacional faz notar a situação e o valor dos portugueses emigrantes em Bombaim: Acabo de visitar a cidade de Bombaim, a urbs prima in Índia, em que vivem e sofrem e mourejam 80.000 Portugueses da Índia. São os nossos emigrantes, de cujas poupanças vive a nossa pobre e outrora gloriosa Goa. E se a grande maioria labuta em misteres humildes, uma elevada percentagem ocupa posições de destaque, colabora com a administração inglesa, mercê da educação ocidental que Portugal lhe ministrou. São todos Portugueses, orgulham-se de ser Portugueses. Falam o português na intimidade do seu lar, celebram nos seus grémios as datas mais célebres da nossa História e tem num cantinho da casa a imagem e o culto desse grande missionário português que é em terras do Oriente o símbolo vivo e amado do Portugal da Renascença. D.R. 17-01-1946 p. 197. Disponível em <http://debates.parlamento.pt/page.aspx?cid=r2.dan> [Consult.2009-03-23].

De Manú Miranda sabia-se que em Bombaim, quando por lá andou durante a guerra a prestar serviço na censura à correspondência postal montada pelos ingleses contra eventuais agentes de espionagem italiana, apostava forte nas corridas de cavalos. (...) De Emílio, que do mesmo modo que outros goeses, graças aos seus conhecimentos da língua portuguesa e algum latim, estiveram a trabalhar no mesmo serviço (*OUOMM*, p.73).

Após o regresso de Bombaim, Manú volta a ter notícias de Xricanta. O amigo estudava numa “universidade”⁹⁹ em Calcutá, fundada pelo filósofo e Prémio Nobel da Literatura, Rabindranth Tagore. Deve ao rádio do tio, um *Telefunken*, o adimplemento dessa falha na sua sabedoria.

Tinha “frequentado o Liceu D. João de Castro, os três anos seguintes, fizera-os, igualmente em Margão, recebendo, muito só e enfadado, lições particulares de explicadores habilitados para o ensino das disciplinas do segundo ciclo” O último ano do ensino secundário foi fazê-lo no liceu da capital e nunca tivera conhecimento daquela personalidade. Concluiu que Ubaldino Antão tinha razão, quando dizia que afinal, “não passávamos de macacos de imitação dos paclés, sempre desejosos de exhibir arremedos de erudição vinda do ocidente” (*OUOMM*, p. 270).

Como poderia Manú Miranda ter ouvido falar de Tagore se “nas escolas oficiais ignorava-se a civilização hindu, os grandes épicos, os grandes mitos, o pensamento filosófico...?” (*OUOMM*, p.270).

Rabindranth Tagore era um defensor da reconciliação com o ocidente, aceitava a universalidade da cultura opondo-se a algumas ideias nacionalistas de Mahattma Gandhi para além de criticar o ensino suprido nas escolas.

Assim como até aos nossos dias cultivamos em nossas escolas um egoísmo colectivo da Nação, assim também devemos agora basear a educação futura não mais no nacionalismo, mas numa concepção menos estreita das relações da humanidade [...]

Tudo que é grande e verdadeiro na humanidade está á nossa porta, como um hóspede pronto para ser convidado. Não lhe devemos perguntar de

⁹⁹ Universidade Internacional Visva- Bharati fundada em 1918.

que país vem; devemos apenas acolhê-lo e oferecer-lhe o que possuímos de melhor.¹⁰⁰

Conhecemos, por declarações do próprio autor, o abandono a que estavam dotadas certas matérias no ensino oficial ministrado em Goa por algumas matérias pedagógicas:

No sétimo ano de Letras eu nunca ouvira falar de Fernando Pessoa ou de Mário de Sá-Carneiro. Conheci por acaso e de forma avulsa dois livros de Alves Redol, um livro de Ferreira de Castro, nem sequer um romance, mas “a viagem à volta do mundo”. Só soube que existiam um Aquilino Ribeiro e um Miguel Torga, quando cheguei a Portugal.¹⁰¹

Alguns acontecimentos verídicos, transpostos para a ficção narrativa, *OUOMM*, detêm suma importância à coerência realista e valor estético do romance. Não nos poderemos abster da inércia das personagens em relação aos acontecimentos históricos cabendo à narrativa dinamizar-se pelo recurso ao registo de comportamentos condicionados, quer pelo consciente das personagens quer, por acontecimentos exteriores.

Um dos episódios da História que recolhe lugar de primazia na narrativa consta do preâmbulo onde o autor, adverte para aquilo que é real e ficção, declara:

Os acontecimentos de 1946 e 1943, descritos, respectivamente nos capítulos 13 e 14, ainda que romanceados, foram, os primeiros, presenciados e os segundos, baseados no relato «A Batalha de Goa», do autor do livro *Boarding Party*, James Leasor (*OUOMM*, p.11).

Os acontecimentos a que se refere o autor são, o primeiro, a Junho de 1946 quando o personagem principal assiste passivo a uma manifestação de desobediência civil, o segundo aponta para o 9 de Março de 1943.

¹⁰⁰ Tagore *apud* Mookerjee, *Çaturanga, Prémio Nobel de 1913*, 1973, p.51.
Tradução de **Cecília Meireles**, estudo introdutivo de G. K. Mookerjee.

¹⁰¹ Vale, *op. cit.*, p.289.

No cimo da pequena colina, donde ele irá assistir – num tempo ainda por vir, aos vinte e oito anos de idade, numa tarde do mês de Junho, mais precisamente na tarde do dia 18 de Junho do ano da graça de 1946 – à primeira gigantesca demonstração popular de desobediência civil que algum dia ocorreu em toda a história de Margão ou mesmo em todo o território de Goa e ao despertar da sua própria consciência cívica perante o florescer de um novo patriotismo, fruto até aí proibido de uma lenta incubação (*OUOMM*, p. 246).

A apatia ideológica de Manú Miranda não deixa de atingir um nível de consciência social e política, até aí numa "lenta incubação". È sem duvida um apelo do narrador, estimulado pelas tendências do movimento neo-realista, às consciências adormecidas ou apáticas que, por desconhecimento ou receio, não reivindicam ou protestam.

NAQUELA TARDE de meados de Junho de 1946, cerca de doze anos e meio antes da chegada do último Governador-Geral do Estado da Índia, Margão apareceu aos olhos e aos ouvidos de Manú Miranda como a mais surpreendente das visões em que alguma vez participou na sua vida. Libertadora e sufocante. Visão tivera muitas. Outros tantos sonhos que se desfizeram, sem eco, a cada despertar. Mas dessa vez, apesar de se ter limitado a ver o que via e a ouvir o que podia ouvir, foi como se, mesmo a contra – gosto fizesse parte do imenso coro colorido de vozes quase de silêncio que acompanhavam os passos do infindável cortejo (*OUOMM*, p. 203).

O tio Roque Sebastião surpreendeu o sobrinho com o seu tom de voz apreensivo, por reconhecer a clarividência dos hindus, um comportamento a que o rapaz não estava acostumado:

“Eles sabem melhor do que nós o que querem e talvez sejam mais destemidos”. Manú continuava surpreso, uma multidão «ordenada quase toda trajada de branco, [depois], começaram a surgir alguns sinais de cor, aqui e além, em pequenos grupos de compactos e o tio volta a repetir: «Eles sabem melhor do que nós o que querem (*OUOMM*, p. 293-294).

A data de 18 de Junho de 1946 em Margão trouxe para as memórias dos *satyagrahas* o dia do recomeço da luta pela mão de Ram Manhoar Lohia, político e socialista indiano. A polícia portuguesa reage às manifestações de forma

violenta reforçando a repressão através da polícia política do Estado. Os testemunhos de alguns sobreviventes são relatos emocionados das injúrias sofridas pela população.¹⁰² As circunstâncias que proporcionam a revolta ultrapassam as fronteiras de Goa abrangendo um espaço universal¹⁰³ de estâncias sociais e psicológicas.

Um só grito atravessou o espaço como a seta de Parsurana na lendária criação daquela terra, pareceu um grito solitário e tímido, mas que arrastou consigo de seguida um coro de vozes bradando Mahatma Gandhi Ki-jai! ...Ki-jai! Ki-jai-...! (OUOMM, p. 296).

Sabemos que o autor assistiu a esta manifestação quando se encontrava na estação dos comboios, no momento em que deixava Margão para viajar até Lisboa para prosseguir os seus estudos na Faculdade de Letras. Orlando da Costa tinha dezoito anos na altura dos acontecimentos narrados e sentia o privilégio de descender de goeses. Entende-se, por isso, o orgulho expresso quando nos diz: “A circunstância de Margão existir não só no mapa de Goa, mas na memória da minha vida não é obra do acaso. È uma decisão de antepassados” (COSTA, 2000:11).

No admirável estudo de Sandrine Bégue, sobre os últimos anos do Estado da Índia, enquanto colónia portuguesa, em que temos vindo a apoiar ao longo

¹⁰² O acontecimento referenciado está ilustrado de forma sucinta nas palavras de Teótonio de Souza: «A resposta portuguesa foi com metralhadoras, contra os *satyagrahas* desarmados, incluído senhoras. Uma campanha de repressão de liberdades civis dentro de Goa, julgamentos sob tortura pela P.I.D.E. e o seu Tribunal Militar, deportação dos prisioneiros políticos selectos para Peniche, levou o governo da União Indiana a impor um bloqueio a Goa.», *Lógicas Imperiais e Processos Contemporâneos, Analisando Algumas Memórias Coloniais recém-publicadas em Goa e em Portugal, Babilónia, Revista Lusófona de Línguas, Cultura e Tradução*, Universidade Lusófona, 2008, n.4, p.63,

Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=56100404>, [Consult. em 2009-04-20]

¹⁰³ «Note-se, entretanto que, para além de normalmente se situar num determinado espaço, a personagem constitui o agente de acções variavelmente complexas. Desse espaço e da sua importância como categoria da narrativa, deve dizer-se antes de mais (e mesmo de forma obrigatoriamente abreviada) que compreende, em primeira instância, os componentes físicos que servem de cenário à história [...] em segunda instância, o conceito de espaço pode ser entendido em sentido translato, abarcando então tanto as atmosferas sociais (espaço social) como as psicológicas (espaço psicológico).» (REIS, 1995:362).

deste estudo, a investigadora conclui quanto nefasta foi a acção política de alguns governadores:

Les nombreuses années de décadence de la colonie goanaise et le délabrement de son administration révèlent cependant ce que fut la véritable ambition de la plupart des gouverneurs de l'Estado da India pendant longtemps. Elle se limitait à la recherche de profits destinés à compenser un salaire médiocre, lors d'un court mandat de quatre années dans es terres isolées aux conditions climatiques insupportables, que l'on quitte sans regret en cherchant l'assurance d'un poste plus lucratif attribué par le ministère des Colonies à Lisbonne en échange de bons et loyaux services.¹⁰⁴

O governador de Goa em 1946, à data dos acontecimentos, era um antigo ministro das Colónias, José Bossa¹⁰⁵ possuía uma incontestada “folha de serviços um espírito liberal capaz de estar aberto aos anseios de todos os habitantes, sem qualquer distinção de credos” (*OUOMM*, p. 120).

Fundamentando as nossas afirmações na investigação supracitada, o governador prometera reestruturar o aparelho administrativo envolvendo os goeses nessas reformas. Um ano mais tarde recebe a permissão de Salazar para reestruturar administrativamente o território de Goa. Quando chegou a Goa o governador enfrentou, como os seus antecessores vários problemas:

L'apathie et la corruption de la police comme de l'armée sont aussi bien connues de la population goanaise et demeurent à l'origine de nombreuses plaintes, compromettant les efforts des gouverneurs pour s'assurer de la fidélité de la colonie au drapeau portugais. La corruption est monnaie courante. Le rapport d'un espion du Portugal basé à Goa cite ainsi l'exemple – classique – des bus de zones rurales, tenus par la loi de transporter un nombre déterminé de passagers.[...] Au-delà de cet anecdote,

¹⁰⁴ Bègue, *op. cit.* p. 112.

¹⁰⁵ O nome de José Bossa é mencionado numa carta de Marcelo Caetano ao Presidente Do Conselho em 17 de Maio de 1945, enaltecendo as suas capacidades que se adequavam ao cargo para o qual veio a ser nomeado: «Não vejo, olhando em redor, ninguém melhor do que o Dr. José Bossa cujo carácter, inteligência e senso muito aprecio. É um pouco lento – mas na Índia é tudo ainda mais lento que ele, e vejo que há no seu espírito o desejo de se desforrar (por assim dizer) de certa situação de subalternidade ou diminuição que lhe foi criada, o que constitui impulso importante para agir e brilhar. Conhece a Índia que inspeccionou, e onde deixou numerosas simpatias. (ANTUNES, 1993:160).

la corruption de la police peut prendre des proportions beaucoup plus graves, allant jusqu'au rançonnement de la population.¹⁰⁶

Em *OSDI*, o narrador já denuncia o negócio ilícito entre Rumão e os soldados portugueses.

Iria direito ao quartel e denunciaria Rumão. Há muito que sabe que ele ajudava a esconder na taberna, em garrafas de macheira e de fenim, a gasolina que o pacló lhe trazia. De cada vez enchiam várias garrafas que, certamente, depois eram vendidas no mercado negro. [...]

Convencidos ambos de que ele estava bêbado e, a dormir, tinham enchido, na sua frente, algumas garrafas com a gasolina que o soldado transportara no jipe (*OSDI*, pp.224-225).

O mesmo aspecto volta a ser tema da narrativa, *OUOMM*, denunciando o contrabando¹⁰⁷ de álcool, ouro e relógios que circulava no porto de Mormugão. Aproximando-se da metodologia romanesca de Proust, o escritor usa o narrador, para, pelo interior psicológico das personagens tecer uma leitura da sociedade, goesa e da colónia britânica.

Mas esta era a face clara do império britânico, que por muito que se quisesse não conseguia esconder a outra, aquela que Manú Miranda enfrentava com um inconfessável desgosto e uma dolorosa intranquilidade de consciência, uma face comovente e repugnante (*OUOMM*, p. 222).

As personagens permanecem passivas, sem a necessária agitação ou estremecer que choque com as pré-formatadas convenções ocidentais. O protagonista inclui-se no estatuto de *heros médiocre*, dentro da concepção de

¹⁰⁶ Idem, pp. 126-127.

¹⁰⁷ Bègue, *op. cit.* p.196.

Baseado num relatório de um espião português em Goa, ANTT-AOS/CO/UL-10C: «Le contrebande et la corruption qui en découle apparaissent comme inévitable à Goa et s'inscrivent presque dans les mœurs locales, tan tune économie parallèle devient nécessaire à la survie de l'Estado da Índia. [...] Certains documents retrouvés font cependant état d'un parcours commercial démarrant à Mexico:« The gold originates in Mexico from where it is sent to Portugal and to Goa. The smughers take the gold from Goa across the border into India where it is turned over to Indian purchasers or their agents. Most of this gold is supposed o reach the Bombay bullon market».

Lukács,¹⁰⁸ distante do herói neo-realismo engeliano que espelha a luta de classes de cariz marxista onde as “próprias personagens, para empregar as expressões de Engels, são retiradas daqueles grupos que albergam em si a possibilidade de uma nova realidade prestes a estalar”.¹⁰⁹

Cumpre-nos alongar um pouco mais a análise interpretativa do romance em censo para reflectirmos na importância do segundo momento mencionado no preâmbulo, episódio ocorrido em 9 de Março de 1943.

Numa noite de segunda para terça-feira, uma noite sem lua, do mês de Março de 1943, dois anos antes de a guerra terminar, o *Anfora* afundava-se em chamas na baía de Mormugão. O sinal de alarme fora dado pelo navio alemão *Ehrenfels*, o primeiro – e o maior dos quatro navios mercantes não aliados que, desde o início da guerra se haviam refugiado nas águas mornas e neutras de Goa (*OUOMM*, p. 304).

Influenciado pela descrição do autor inglês James Leasor do acontecimento real narrado em *Boarding Party*,¹¹⁰ Orlando da Costa transpõe o episódio a dois anos antes da segunda guerra mundial. A versão factual ocorreu na baía de Mormugão, em Goa, onde fundearam quatro navios refugiados nas águas neutras de Goa, três embarcações mercantes dos não aliados e um navio italiano.

They were the 5,452 tons *Anfora* of the Lloyd-Triestino Company; and the 7,752 tons *Ehrenfels*; the 6,342 tons *Drachenfels*, and the *Braunfels*, of 7,847 tons, all owned by the German Hansa Line. Their cargoes included such unlikely items as cooked hams, sacks of flour and bags of explosives for mining purposes; marble slabs, bottles of mercury, locomotive spares, automobile batteries, and even a Mercedes sports car originally intended for an Indian princeling, with stocks of Chianti in the holds of *Anfora* and several hundred crates of best Bavarian beer in the others (...).

¹⁰⁸ Para Georgy Lukács a personagem é um indivíduo da burguesia, problemático que reflecte as contradições da sociedade embora não interfira para a sua mudança.

¹⁰⁹ Torres, (1967), p. 46.

¹¹⁰ Em 2001 António José Barreiros publica *O Espião Em Goa*, uma obra que segundo o autor contribuir para esclarecer muitos dos acontecimentos tratados por James Leasor em *Boarding Party*. «O livro era uma narrativa estruturada, por um lado, na linha da versão oficial britânica sobre o caso, por outro, no sentido de glorificar um acto que os próprios britânicos consideraram na altura como um «flop». [...] Os que leram o livro de Leasor ou viram o filme nele baseado, esses, ficaram a saber o que era bom ter acontecido mas nunca aconteceu» (BARREIROS, pp, 13-14).

The others are all rubs caught on the high seas when war broke out. Their crews just painted out their colors on the funnels and dashed to Goa as the nearest neutral port, where we couldn't touch them. But *Ehrenfels* is different.¹¹¹

O *Ehrenfels* possuía a bordo um rádio transmissor que transmitia informações detalhadas sobre as posições dos navios aliados. Recebidas em Bombaim, as informações eram repassadas aos submarinos, que por sua vez, agiam afundado os barcos neutrais. As autoridades portuguesas foram informadas pelos ingleses da violação à neutralidade¹¹² que ocorria nas águas nacionais Indicas, mas, a acção portuguesa revelou-se ineficiente nas buscas para apreender o rádio.

Um plano secreto dos ingleses efectivado por apenas dezoito homens, apoiados no terreno por alguns goeses, resultou no afundamento dos navios. A estratégia do plano incluía uma festa convívio¹¹³ na residência do capitão de Mormugão com o intuito de atrair a tripulação dos quatro navios para terra.

Por coincidência ou não – e houve quem sustentasse que não fora obra do acaso, mas uma operação confirmada entre operacionais e agentes da espionagem britânica, infiltrados no território de Goa com a ajuda de elementos nativos – teve lugar nesse dia, e de Março, a partir das 22 horas, segundo se lia no cartão de convite, redigido em português, gravado e impresso com as cores da nacionalidade, verde e vermelho, uma recepção na residência do Capitão do Porto de Mormugão, situada no morro sobranceiro à zona portuária. [...] Para o anfitrião fora uma questão de honra abrir as portas a todos os oficiais dos navios fundeados no porto, qualquer que fosse a sua nacionalidade, para além dos membros mais destacados da sociedade civil local e certos funcionários dos serviços portuários e esposas. (*OUOMM*, p. 305)

[...] “I would like to give all the sailors in every ship in His harbour a special party. And in every other place like yours as well.”

There are probably about 120 Germans and Italians altogether, although. I would hope they wouldn't all be aboard *Ehrenfels*.

¹¹¹ James Leasor, *Boarding Party*, p. 19.

¹¹² Os alemães, após o rapto de um seu agente, protestam junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa, pela violação da neutralidade portuguesa pelos ingleses (*BARREIROS*, p, 67).

¹¹³ A informação recolhida baseia-se na *op. cit* de Vale, p. 305, embora optemos nós por lhe chamar festa convívio.

I suggest we could finance some diversion on shore – a carnival, a party for seamen, that sort of thing – to try and whittle down the numbers a bit.¹¹⁴

High on the hill, behind Portuguese fortification that dated from the 16th century, the doors of the big house were wide open to the warm night. [...]

Elsewhere, German officers were talking to each other and to several Portuguese and Goanese ladies, the wives of harbour officials and other local dignitaries.¹¹⁵

A neutralidade portuguesa era assumida pelo governo mas na prática a posição era de favorecimento aos Aliados, evidente nas permissões concedidas aos reabastecimentos de aeronaves, tanto nos Açores, como em Lisboa.

Se a neutralidade a que a sua nacionalidade portuguesa havia de obrigá-los a uma maior discricção quanto a inclinações a favor de Inglaterra e seus aliados, a mesmíssima condição de cidadania parecia impor-se em sentido contrário e com maior peso no que diz respeito à questão indiana, os seus leaders, as grandes manifestações populares de desobediência civil e resistência passiva, essa forma perturbadora de se apontar armas sem pólvora contra um alvo todo poderoso e, no entanto à beira de ter de se vergar à força dos destinos da História e à voz de um povo (*OUOMM*, p. 256).

O Oceano Índico torna-se demasiado perigoso, “num curto período de aproximadamente seis semanas haviam sido afundados por submarinos inimigos mais de quarenta e cinco embarcações”. Manú Miranda adia a sua jornada para África assustado com a perigosidade da viagem embora Goa não estivesse segura.

Em breve o fundo obscuro do oceano, tornar-se-ia um cemitério submerso de enormes carcaças de metal e de toneladas de carga, [...] Foram relatos de sobreviventes, desde gregos a noruegueses e, claro, súbditos britânicos, que de olhos esbugalhados, reflectiam visões dantescas e apocalípticas em pleno mar (*OUOMM*, p. 213).

O *Anfora* afundava-se em chamas na baía de Mormugão. O sinal de alarme fora dado pelo navio alemão *Ehrenfels*, o primeiro – e o maior dos quatro navios mercantes não aliados que, desde o início da guerra se haviam refugiado nas águas mornas e neutrais de Goa – a fazer explodir a casa das máquinas e de seguida atear fogo ao convés inundado de querosene derramado pela tripulação, para não se deixar capturar pelos ingleses.

¹¹⁴ Leason, *op. cit.* p.63.

¹¹⁵ Idem, p. 162.

Obedecendo a ordens estritas do almirantado, o comandante de nome Rofer, segundo foi mais tarde divulgado no noticiário dos jornais e da rádio, perante um inesperado ataque-surpresa de um comando inimigo, que navegou clandestinamente pelo litoral sul, tomara a decisão do seu afundamento (*OUOMM*, p. 304).¹¹⁶

As duas centelhas, que mereceram nota no Preambulo do livro, perspectivam o final para o protagonista e para a sua terra.

O ambiente colonial marcou definitivamente Orlando da Costa, e *O Ultimo Olhar de Manú Miranda* reflecte toda a tensão psicológica e expectativas vividas por uma família *brâmane* no seu quotidiano. A História encontra nesta ficção verosímil,¹¹⁷ memórias de muitos goeses e portugueses facultando uma reflexão sobre os últimos anos do colonialismo português em Goa.

A projecção da literatura de Orlando da Costa dentro da concepção aristotélica de catarse, cujo princípio enuncia que uma obra literária excede a sua função lúdica e evade outros os domínios, atesta a importância que Martinez Bonati atribui ao conteúdo das obras literárias:

As obras literárias, pois, devem conter, substantivamente, “mensagens” sem circunstância nem oportunidade precisas, comunicações dirigidas não provocar uma determinada e pronta reacção, mas talvez a alimentar a reflexão dos seres humanos sobre a totalidade permanente de uma situação.¹¹⁸

¹¹⁶ Orlando da Costa baseia-se em noticiários para afirmar que o afundamento do navio foi decidido pelo seu comandante. James Leasor sustenta a mesma teoria reprovada por José A. Barreiros: «Os ingleses, aliás, para que nada fosse deixado ao caso, encarregaram-se de espalhar pela imprensa sob seu domínio a versão que lhes era conveniente, a que os punha acima de qualquer suspeita e imputava aos alemães a autoria do acto.» (BARREIROS, 2001:95)

¹¹⁷ Entendamos verosímil dentro da significação que a palavra tem actualmente, segundo Tzevetan Todorov: “(...) fala-se na verosimilhança de uma obra, na medida em que ela tenta fazer-nos crer que se submete ao real e não às suas próprias leis; quer dizer, o verosímil é a máscara com que se dissimulam as leis do texto, e que nos daria a impressão de uma relação com a realidade”. (1971:97-98).

¹¹⁸ F. Martinez Bonati, “Mensajes y literatura”, in M. A. Garrido Gallardo (ed.), *Teoria semiótica: lenguajes y textos hispánicos*, Madrid, C.S.I.C, 1984, p. 190.

2. Reflexão sobre a peça de teatro *Sem Flores Nem Coroas*

Pelos motivos ditados pela política de Salazar, ou agora, pelo rumo que se traçou para as antigas colónias portuguesas *Sem Flores Nem Coroas* merece a nossa melhor reflexão sobre aquele que “era um pequeno território sem expressão militar e de reduzido interesse económico, onde gerações de portugueses criaram e enraizaram um tipo *sui generis* de colonização”.¹¹⁹

A relevância do texto dramático, acentuada pelas referências cenográficas, resulta numa multifacetada sobreposição de valores e sentimentos contraditórios vividos por personagens de gerações diferentes. A descrição atributiva dos ambientes, dos cheiros, das cores e objectos, o magismo das falas, de aprimorado valor estilístico, na sua perspectiva interdisciplinar com a História, comprova a qualidade do autor reconhecida nas palavras de Azevedo Teixeira:

Com criação, informação e persuasão suave, além da busca constante, honesta, da Verdade e do Ser, Orlando consegue transportar a realidade local de uma experiência humana para o plano superior de uma experiência universal. Doutro modo, a chave do seu saber literário consiste na capacidade de, começando por apresentar uma forma local, estruturá-la depois, elevá-la depois, arquetipicamente.¹²⁰

Em três actos residem alguns aspectos pertinentes da realidade histórica, social e política que afecta um território oprimido. Uma ficção direccionada para a representação de influência Brechtiana, embora por vezes assuma laivos aristotélicos.

¹¹⁹ Morais, *A Queda da Índia Portuguesa, Crónica da Invasão e do Cativo*, p. 29. As afirmações de Carlos Alexandre Morais, ao longo da *Crónica do Cativo*, levantam ainda alguma polémica sobre a posição do Governo de Salazar e a atitude política de Nehru. Transparece no entanto uma familiar ligação com a terra e as gentes de Goa que, no seu entender, mereciam outros direitos.

¹²⁰ Rui Azevedo Teixeira, *O Leitor Hedonista*, p.53):

Os conflitos inter-pessoais vividos pelas personagens dissolvem-se numa conjuntura universal de relações históricas e sociais intensas que impõem ao leitor, ou ao espectador, um raciocínio lúcido.

No eloquente prefácio da obra da autoria de Rebelo de Sousa podemos ler:

Terra que, como a de África, a obstinação (a cegueira) do velho ditador recusava aos seus legítimos donos, que ele desejaria ver empapada de sangue dos “homens fardados”, condenados a um sacrifício inútil e absurdo, ao arrepio do movimento da História. E é nela, na História enquanto devir que se inscrevem a história, as histórias de amor de que a acção dramática se entretece – amores aliados, frustrados, ocultos, sublimados, silenciados ou gritados em silêncio. Na hora decisiva em que as cinzas de um presente póstumo se diluem nos cristais da esperança de um novo tempo (*SFNC*, p.12).

Todo o drama evoca uma realidade histórica portuguesa do século XX – a eminente queda da Índia. O “velho ditador”, Salazar intransigente na atitude dominadora sobre Goa prolongou até ao último momento uma política desajustada à realidade mas defendida com acérrima convicção. Numa mensagem enviada ao governador-geral no dia 14 de Dezembro de 1961, o Presidente do Conselho assinala mais uma vez a posição ditatorial que o caracteriza:

É horrível pensar que isso pode significar o sacrifício total, mas recomendo e espero esse sacrifício como única forma de nos mantermos à altura das nossas tradições e prestarmos o maior serviço ao futuro da Nação (Salazar *apud* SILVA, 1975:88).

O paralelismo entre o ditador político e o Pai,¹²¹ personagem central do drama, é evidente na persistência e atitudes que reflectem a manifestação externa do conflito psicológico. O Pai insiste em ficar, vivo ou em cinzas, naquela terra:

¹²¹ Recordamos a amplitude polissémica que, tal como nós, já o advogado goês Bruto da Costa cuidara em evidenciar numa carta que escrevera a Nehru em 15 de Agosto de 1962, de conotação semelhante à que a personagem detém em *SFNC*: «Em outras palavras, o patriotismo é o amor sincero da pátria. Como no idioma de Shakespeare e bem assim nas línguas orientais não existe a palavra pátria, direi que ela deriva do latim pater – pai. O patriotismo, portanto, procede de uma lei

PAI Queimado...para que o fumo e as cinzas se dispersem no ar e me tornem invisível aos olhos de vocês todos e da memória. (*SFNC*, p. 135)

O ditador, Salazar, insiste na necessidade de manter a presença portuguesa em Goa: “Não prevejo possibilidade de tréguas nem prisioneiros portugueses como não haverá navios rendidos, pois sinto que apenas pode haver soldados e marinheiros vitoriosos ou mortos”.¹²²

A mensagem exige o sacrifício dos militares para que se possa manter a presença dos portugueses. Chegou dias antes do epílogo da ofensiva. Uma mensagem também transtornará o Pai, fazendo regressar o sobrinho bastardo que assistirá à morte do imponente encarregado da família.

BOSTÚ Se aqui estou nesta casa, é apenas por causa da sua irmã. (*Voltando-se para a Mãe amigável.*) Desculpe-me, tia Angélica, eu sei que gosta de mim... e eu gosto muito de si, também... mas se aqui estou, e aqui cheguei já sem esperanças de a tornar a ver...foi por causa desta carta. (*Tira do bolso um papel.*)

O momento da rendição histórica das tropas portuguesas coincide sintomaticamente com a agonia final:

MÃE (*Falando da janela, pausadamente com a voz contristada.*) É a hora da rendição... para os que vêm..., para os que vão... Para os que ficam...

PAI ...É a hora da morte... (*SFNC*, p.137)

Preservar a identidade da família, nos seus valores e tradições fora o axioma que colocara em agonia os dois irmãos: Leopoldina e Salú. A mulher morre sem receber a tão desejada visita do filho, numa longa espera que lhe consumiu os últimos dias na esperança de um milagre:

natural que, para mim, católico que sou, se acha elevada à dignidade de mandamento divino: honrar pai e mãe.» (Bruto da Costa *apud* MORAIS, 1995:374).

¹²² Salazar *apud* Bêgue, *op. cit.*, p. 1116.

ANTT-AOS/CO/UL, 28^a, Pt 2, 2^a subdiv, 1961-62.

MÃE ...Coitada!, por amor do seu Bostú era capaz de se esquecer de ganhar o céu para não perder o direito de voltar a vê-lo antes de morrer... (SFNC, p. 28).

O irmão morre sem o perdão da mulher e na aflição agravada de morrer no momento em que o filho adoptivo, um *padló* regressa a casa e os soldados portugueses se rendem:

VOZ DO PAI «Cale-se! Proíbo-lhe!»

VOZ DE BOSTÚ «Tio!»

VOZ DO PAI «Proíbo-lhe de falar...de continuar nesta casa...»

VOZ DE BOSTÚ «... Mas tio...»

VOZ DO PAI «Proíbo-lhe de continuar a chamar-me tio!...»

(...) *Por que se rendem os soldados na hora da minha morte?* (SFNC, p.142)

O conflito histórico - social patente no drama é enfrentado de forma oposta pelas duas gerações com visões políticas e ideológicas diferentes. Os filhos, Bostú e Manú, não deixarão que a aquela terra seja arrasada, os cânticos das crianças são uma predestinação, “esta terra não será arrasada”. Rosenda identifica o regresso de Bostú ao momento de libertação e esperança, proporcionado pela acção divina: “*Deuassó putr sórgar than sonsarant eiló*”.¹²³

A presença dos dois Mensageiros-Arautos, um de branco, o outro de caqui perfila as diferentes perspectivas temporais das duas gerações. Cada um deles espalha uma mensagem. O Mensageiro de caqui é uma alegoria ao Presidente do Conselho e aos seus discursos aos soldados expedicionários. Existe uma analogia discursiva entre o comunicado e os discursos de Salazar:

No palco das operações, apesar da descomunal superioridade numérica do invasor, as nossas forças resistem.

¹²³ «O Filho de Deus desceu do céu à terra...». Tradução do autor, Orlando da Costa. SFNC, p. 127.

Resistimos e resistiremos infligindo baixas ao inimigo até onde for necessário, porque a nossa moral é infatigável, alimentada pela fé e pelos direitos que a história outorgou aos heróis civilizadores do nosso passado.

O rasto desses heróis vindos de longe não será apagado da face desta terra!

Eis-nos por isso aqui, hoje, de armas em punho! Povo e soldados: não pode haver entre nós lugar nem para os insurrectos, nem para os rebeldes, nem para os temerosos.

Cada casa deverá ser um baluarte de resistência, cada esquina uma trincheira na avançada!

Deteremos o passo ao invasor ou será connosco engolido pelas ruínas desta terra: sobre os rios deixará de haver pontes, as paredes das casas e das escolas tombarão, o pó dos campos será cinza e mais cinza e os altares, esses, ficarão nus como sepulturas, e o céu que contemple do alto do seu perdão esta terra arrasada! (*SFNC*, p. 81)

O conteúdo da mensagem visa marcar presença num território à beira da rendição.¹²⁴ Uma última tentativa para mobilizar apoios internacionais teimando em sacrificar a população civil e militar se necessário fosse. Salazar invocou uma última vez, a deontologia do militar e Governador da Índia, Vassalo e Silva num ameaçador recurso de apelo à resistência:

Ataque que venha a ser desferido contra Goa deve pretender, pela sua extrema violência, reduzir ao mínimo a duração da luta. Convém, politicamente, que esta se mantenha ao menos oito dias, período necessário para o Governo mobilizar, em último recurso, instâncias internacionais. Estas palavras não podiam, pela sua gravidade, ser dirigidas senão ao militar cónscio dos mais altos deveres e inteiramente disposto a cumpri-los. Deus não há-de permitir que este militar seja o último governador do Estado da Índia – Oliveira Salazar.¹²⁵

Estabelecemos aqui um paralelismo entre o conteúdo da missiva e a argumentação do Pai, um discurso, “envelhecido, cansado, descontrolado (...) Sem confiança” (*SFNC*, p. 87).

Os valores morais, políticos e sociais de Bostú conferem-lhe uma interpretação da história semelhante á de Gandhi, o homem pacifista de vestes

¹²⁴ Os soldados expedicionários em Goa serão em número, 4390, incluindo 230 oficiais, 516 sargentos, 2754 soldados europeus e 890 goeses. (MNE –PAA- 637, Proc 946,2 (60 a 63): relatório do Ministro da Defesa (s.d.) classificado como secretíssimo 1962. *apud* Bégue).

¹²⁵ Botelho Silva, *Dossier Goa. Vassalo e Silva a Recusa do Sacrifício Inútil*, p. 88.

brancas. Enquanto o mensageiro de caqui pede o sacrifício aos militares e à população, o mensageiro de branco pede à população para salvaguardar as vidas.

Ao soar da 1 hora da madrugada, tal como quando um dia soaram vozes e trombetas em Jericó, começaram a ruir as muralhas da obstinação.

Esgotado o último tempo de espera, foi posta em prática a única decisão que, parece, desde sempre o nosso adversário esperou, procurando arrastar-nos para a cena de um teatro de morte e destruição.

É outro porém, o papel que a história, no presente, nos reserva: a superioridade numérica das nossas forças será utilizada, numa corrida contra o tempo, para contrariar quaisquer desígnios de aniquilamento e sustentar as labaredas do fogo posto.

No entanto, a situação é grave. E pela gravidade com que se apresenta ela requer ponderação, decisão, esforço na prática do plano já traçado.

A norte, a sul, a leste e também por mar, o cerco apertará rápido e com firmeza até que o silêncio da capitulação dê lugar à voz da maioria.

Fica, pois, toda a população avisada que deverá salvaguardar as suas vidas e, pelo bem do seu destino, esperar confiante que esta guerra, apenas começada, não seja iluminada duas vezes consecutivas pelo sol desta terra! (*SFNC*, p. 82)

O panfleto é um símbolo expressivo da ideologia revolucionária que se expõe e arrisca para fazer chegar a sua mensagem às grandes massas, sejam trabalhadores rurais, operários ou militares. Em Portugal nos anos 70 o clima era semelhante ao que se vivia em Goa nos últimos anos de administração portuguesa. Pairava no ar uma inevitável mudança para a democracia e autodeterminação dos povos. Esta exposição tão evidente das reivindicações dos goeses acentua a confiança dos mesmos na vitória. Em *SFNC* (pp. 82-83), o teor dos dois panfletos distribuídos pelos mensageiros baseia-se em seis pontos ilustrando as divergentes visões das quais poderemos estabelecer as seguintes correspondências:

<u>Mensageiro de caqui</u>	<u>Mensageiro de branco</u>
“As nossas forças resistem”	“Começam a ruir as muralhas da obstinação”
“O papel que a história, no presente, nos reserva”	“O rasto desses heróis”
“A nossa moral é infatigável”	”Esgotado o ultimo tempo de espera”
Eis-nos pois aqui”	”a norte, a sul, a leste e também por mar”
“Deteremos o passo ao invasor”	”Com firmeza até que o silêncio da capitulação
“Esta terra arrasada”	”Deverá salvaguardar as suas vidas”

No caso concreto de Goa a participação dos mensageiros e das mensagens distribuídas associam-se então a uma atitude de irreverência ideológica propagandeada com um recurso estético implícito. São desafios à reflexão do público/leitores, por dois movimentos opostos que se preparam para o encontro recorrendo ao texto/panfleto, mas também à interpretação da imagem sugerida pelo traje dos seus portadores. Os comunicados operam a intertextualidade do texto concreto e as memórias colectivas das circunstâncias paródicas. Os intertextos personificam a estética do romance realista que, entre outros instrumentos de evidência, recorre a eles para fundamentar a relação entre a obra e a realidade

Continuando a nossa análise interdisciplinar entre o texto dramático e a História detenhamo-nos nas didascálicas que minúciam os movimentos militares de rendição e estados emotivos das personagens:

Rumor de vozes. Através da janela continua a ver-se passar da esquerda para a direita, ora apressados ora lentos, como se fossem braços decepados, braços erguidos, amaldiçoando o medo ou implorando perdão. (SFNC, p. 136-137)

Repare-se na casualidade dos instantes do oferecimento das jóias por Leopoldina, à cunhada Angélica. A ocasião é recordada por esta com singular emotividade metafórica:

Este colar e estes brincos... e este anel...e esta pulseira deu-me a mana Leopoldina na noite do casamento... Foi uma surpresa para mim. Até esse momento não me dera nada. E quando eu julgava que ela nada mais me daria para além daquele sorriso que me ficou na memória, frio, distante, convencional... trouxe-me estas jóias, como quem traz uma braçada de flores brilhando nas mãos e disse-me... lembro-me tão bem... estou a vê-la...: [...] «Guarde-as até à próxima geração, que... talvez não tarde em vir» (SFNC, p. 63-64).

O momento tem o seu epílogo quando Matú coloca os brincos e o colar da tia, logo sisado pela chegada inesperada de Bostú. São as mesmas jóias que o Pai mandara a mulher arranjar para levar na fuga, agora servem de acusação à sua consciência:

BOSTÚ Se esta terra vai ser arrasada de que vale tentar pôr a salvo a sua filha, de que vale juntar as jóias e fugir?... [...] é só para iludir a sua consciência?... enganar a nossa?... (...) (SFNC, p.73).

A recensão crítica de Filomena Vargas¹²⁶ à obra *SFNC* demarca três elementos essenciais na ficção influenciadores do estado de “opressão crescente” que, na nossa perspectiva sugam as personagens em conflito do plano emotivo para o racional: a ameaça, o pressentimento e a profecia.

A comunidade goesa convivía pacificamente apesar das diferenças religiosas. Existia um distanciamento social rastreado pelo poder administrativo.

As desigualdades sociais entre colonizadores e colonizados partilhavam da mesma consolidação no que se cingia às relações de direitos e dignidades entre homens e mulheres. O facto ficou superiormente anotado nas palavras de Joana

¹²⁶ Recensão crítica a '*Sem Flores Nem Coroas*', de Orlando da Costa / Maria Filomena Vargas. In: *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, n.º 5, Jan. 1972, p. 89-90, disponível em <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/queryp>.

Passos ao debruçar-se sobre um certo tipo de literatura que circulava na “casa portuguesa” em Goa, favorável a certas discriminações:

Treinavam-se os indivíduos desde a infância, ao nível familiar, para aceitar que nem todos os seres humanos têm os mesmos direitos ou dignidade: numa família convive-se lado a lado com as mulheres, que por isso mesmo não deixavam de ser “cidadãs de segunda”, tal como na relação entre colonizadores e colonizados acontecia com os cidadãos locais. Sexismo e colonialismo pressupõem o mesmo princípio racista, a mesma visão binária do mundo, e por isso se reforçam mutuamente.¹²⁷

Durante anos dois irmãos, Leopoldina e Salú escondem um segredo do resto da família. Leopoldina tem um filho *posco*, Bostú.

PAI ...Um ano depois ela voltou ao mesmo hospital para lá ter um filho... Um filho natural! Dessa vez eu não a acompanhei... (SFNC, p. 111)

Proibida pelo irmão de se casar, por ser uma vergonha para a família e porque a religião não o permitia, o sofrimento da mulher é o móbil da maldição lançada sobre o casamento do irmão, se ele não concordar em trazer a criança para casa e criá-la como um filho adoptivo.

O seu sorriso... um sorriso que me gelou até à voz... lembro-me como se fosse hoje! Estendeu-me um papel dobrado. Recordo-me e agora, era uma mancha de cal viva num braço de pedra. Os meus dedos tremiam ao tocar no papel. Era a doação que ela me fazia no dia do meu casamento de metade dos bens da sua pertença... eram aquelas terras quase estéreis, que, afinal vieram enriquecer o património da família (...) (SFNC, p. 115).

Toda a riqueza daquele solo em minério poderá transformar o irmão Salú num homem muito rico, terá apenas de aceitar uma condição em troca de tanto poder:

Em troca da fecundidade de uma terra estéril ... disse ela, proponho a sua esterilidade... Sim, mano Salú, você não terá filhos... se não

¹²⁷Joana Passos, “A ambivalência de Goa como imagem do império português e as representações da sociedade colonial na literatura luso-insiana”, *e-cadernos ces*, 1, 37-56. Acedido em 15/04/2009, <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos>.

o nosso filho será dentro de vinte anos mais rico do que você nunca pode imaginar... e a sombra dele toldará a sua vista até ao fim dos seus dias. Este será o único preço da minha humilhação... (SFNC, p, 116).

O Pai autoritário e determinado a respeitar os princípios religiosos e étnicos da sua origem passará a viver atormentado “pela sombra dele”, ele o filho Bostú. O medo vem-lhe roubando o sossego:

MÃE ... há anos para cá que ele está mudado, Já não é o mesmo, não é o mesmo sono acompanha à cama, nem o mesmo o despertar que o espera ao romper do dia...Ah Matú, se tu soubesses como as coisas mudaram nestes últimos tempos?!» (SFNC, p. 29)

A prosperidade da família de Salú construiu-se numa universalidade de interesses sociais e económicos que transpõem o domínio particular e adquire universalidade. Distante de ser um herói do drama tradicional, o Pai, ajusta-se à concepção marxista, fonte teórica do teatro épico de Brecht, segundo a qual “o ser humano deve ser concebido como o conjunto de todas as relações sociais (...)”¹²⁸.

PAI Você veio reanimar a família, os bens quero eu dizer... Não é isso que eu censuro, não foi isso que algum dia me assustou, não! Foram as intromissões... [...] os desvios, os apadrinhamentos..., essas «outras obrigações» de que você falou. Novas relações..., alto funcionalismo da capital... pedidos... protecção... Conselho do Governo!... (SFNC, p. 50).

A linguagem do Pai e da Mãe vai-se alterando consoante o conhecimento que cada uma das personagens vai tendo das situações particulares e universais do seu espaço familiar e social. Paulatinamente os discursos de ambos vão-se invertendo, “no início a linguagem imperativa e dogmática do Pai ao lado da muito mais lenta e evocativa da Mãe”, embora seja a Mãe no final a assumir prepotência e severidade diante do arrependimento do marido.

Por entre as limitações que as entidades censoras impunham aos artistas, Orlando da Costa soube refugiar-se na subtileza da linguagem para introduzir nas réplicas das personagens um chamamento ao leitor/espectador, forçando-o

¹²⁸ Rosenfeld, *O Teatro Épico*, p. 147.

indirectamente a reflectir sobre uma causa universal e as soluções possíveis para ultrapassar a angústia de uma apoteose sem flores nem coroas.

Como manifestação artística *SFNC*, insere-se no chamado teatro “didáctico brechtiano”.¹²⁹ Na verdade o autor fornece-nos matéria que nos ilustra relações inter-humanas entre os vários membros de uma mesma família, e as relações sociais dos membros dessa família. Estas relações estão condicionadas por princípios basilares que interferem nos dois campos onde se movem as personagens. A exposição dos conflitos resultantes pelo choque ou rompimento com esses princípios é a força capaz de extrair do amorfismo os espectadores.

Centremo-nos na obra em análise relacionando o raciocínio exposto com situações da peça.

Cada uma das personagens é o resultado de um “produto” histórico e social, assim o seu comportamento é mutável e propenso a se manifestar em círculos. Concretamente em *SFNC*, sobressai a conduta do pai ao longo dos três actos. O seu ar carregado, o tom imperativo no primeiro acto, ascende à exaltação e histeria culminando no último acto, amargo, torturado, acusador. Contrasta com a postura pensativa, submissa e distante da mulher.

Apenas Rosenda acusa equilíbrio emocional diante de todas as hipóteses históricas que o futuro lhe possa trazer, afinal Goa é e será sempre a sua terra:

ROSENDA Para onde quer que eu vá ou me levem, estarei sempre na minha terra ...aqui nasci, aqui cresci, nesta terra envelheci ..., e nela morrerei, serei no seu pó enterrada... e só nela poderei ser lembrada... (*SFNC*, p. 80).

SFNC é um drama intenso pelo vínculo a leituras e interpretações político-históricas que apenas uma leitura mais atenta e profunda conduz a uma plena compreensão. A intenção do autor/dramaturgo é manter o espectador lúcido

¹²⁹ Segundo a definição de Rosenfeld (pp. 147-148), o teatro brechtiano apresenta duas razões de oposição ao teatro aristotélico: «primeira, o desejo de não apresentar apenas relações inter-humanas individuais (...) segunda a concepção marxista, o ser humano deve ser concebido como o conjunto de todas as relações sociais.».

reflectivo.¹³⁰ Algumas estratégias são adoptadas pelo dramaturgo para manter aceso o interesse pela fábula. A atenção do espectador é subitamente surpreendida com revelações escondidas por detrás das circunstâncias mais sinistras. Citemos a título de exemplo alguns desses momentos: após a morte da irmã Leopoldina o Pai renega definitivamente Bostú, os laços familiares que os unem e até à hora da sua morte tenta expulsar o sobrinho de casa; o enriquecimento da família e as retribuições que o patriarca da família fazia a um círculo de interesseiros que pululavam nas suas minas, encobrem a chantagem de Leopoldina, por fim, a morte do Pai permite a reunião das gerações, perspectivando o futuro de mudança para a família e para o território, um amanhã onde se podem colher flores e fazer coroas.

Recurso também muito importante, o da iluminação, desempenha um papel fundamental na satisfação dos objectivos do dramaturgo. Todo o palco está iluminado mas a sobreposição de focos de luz, diferenciados nas cores e nas perspectivas, encaminham o olhar do espectador para detalhes que lhe causam estranheza ou perplexidade, direccionam didacticamente a atenção para um determinado gesto, uma frase, uma entoação.

(Aumenta a luz na cena à entrada de Bostú. Um instante de intenso silêncio: Bostú pousa a mala de lona. Todos os olhares se fixam atónitos no seu rosto cansado. Apenas Rosenda tem nos lábios entreabertos um leve sorriso de alegria. A Mãe, seguida da Filha correm para o recém-chegado. A Mãe envolve-o num abraço comovido) (SFNC, p.66).

As vozes e os coros das crianças são uma técnica de distanciamento onde a música e o texto constituem um elemento alucinatório. A música toma posição em relação ao texto, difunde as pressões primárias de toda a agonia denunciando em eco tortuoso os erros do passado e do futuro.

O drama da família de Salú representa o de muitas famílias goesas nos anos e meses que antecedem a invasão do território de Goa. Consumada a invasão

¹³⁰ «Brecht se empenha, através da mediação estética pela apresentação crítica da vida e, deste modo, pela activação política do espectador.» *Idem.* p. 53.

pelas tropas indianas os portugueses assistem à humilhação dos seus militares. Reportando-se à prisão dos soldados portugueses em Goa em Dezembro de 1961, Orlando da costa atreve-se a apelidar os marinheiros de Albuquerque de invasores: “O mar desta terra já recebeu invasores, não receberá fugitivos” (*SFNC, passim.*).

Diante do cenário da rendição a Mãe parece reencontrar-se com a História. Uma presente/aquém vêem-se panos brancos como aves moribundas, (como os soldados a renderem-se); no passado/ muito além panos brancos como se fossem velas abertas (como se fossem caravelas a chegar).

Levanta-se o vento... e ao longe, mas muito aquém do meu horizonte, só se vêem panos brancos adejando no ar, como aves moribundas transportadas pelos ventos da noite. [...] Levanta-se o vento... e ao longe, mas muito aquém do meu horizonte, só se vêem panos brancos ondulando no ar... Ondulando no ar vêem-se panos brancos, muito aquém do meu horizonte... muito além onde o vento se levanta, muito além junto ao mar..., como se fossem as velas abertas dos patmarins fazendo-se ao largo. (*SFNC, p. 141*)

O rastilho do sofrimento não se apagou das memórias dos colonizadores. Este livro, *SFNC*, faz ressuscitar a temática do colonialismo em Goa e do isolamento de Portugal, procurando surpreender o espectador e desencadear um processo de auto-revelação.

Os jovens Matilde e Bostú fazendo notarem o sentido que a história tem em rumo, no ocidente o opressor “muito aquém” e o oriente, descobrindo a sua liberdade num ensejo de cumplicidade para o futuro”. Essa cumplicidade é desejo do próprio autor para o futuro de Goa:

O diálogo interrompido em 1961 e retomado em 1974, parece querer retomar um novo fôlego e esperemos que assim seja, apesar das dificuldades: a uma morte anunciada pode suceder-se um renascimento, que

como não poderá deixar de ser, terá uma nova dimensão enquanto diálogo entre culturas.¹³¹

A peça de teatro *SFNC* foi escrita em 1967, precisamente o ano em que se realizou o referendo em Goa e em Estocolmo era representada a peça, *Canção da Máscara Simbólica*¹³² de Peter Weiss. O teatro foi provavelmente a expressão artística a sofrer com mais veemência as perseguições da Censura antes e durante o marcelismo. Em Portugal foram proibidas todas as peças de teatro de Brecht, Jean-Paul Sartre e Peter Weiss com o intuito de proteger uma política que decretara o teatro um *serviço público*.¹³³

O tempo de universitário proporcionou a Orlando da Costa uma maturação política que veio a activar na luta por valores sociais menosprezados pelo poder. Beneficiando de uma actualizada e empenhada estrutura de oposição ao regime, a apurada consciência política e social do escritor manifestou-se nas críticas e denúncias patentes na sua prosa.

Já era militante do Partido Comunista Português quando, por iniciativa de Álvaro Cunhal, o partido adopta novas estratégias de contestação à guerra colonial.

Daí em diante, o PCP continuaria a incitar à deserção os não comunistas, mas passaria a instruir os militantes comunistas para que, uma vez incorporados nas fileiras, se mantivessem nelas até ao fim, aceitando mesmo ir em comissão para África, com a tarefa de doutrinar o maior número possível de oficiais, sargentos e praças, levando-os a “odiar o fascismo”, a “recusar o colonialismo português”, e a trabalhar para pôr termo a um e outro. (...)

Salazar não se apercebeu, ou não foi informado, desta importantíssima reviravolta estratégica do seu principal inimigo. E caiu na

¹³¹ Albina Santos Silva, *op. cit.* p. 122.

¹³² Aniceto Afonso e Carlos Gomes, *Guerra Colonial*

Os autores referem-se a este texto dramático como «de ataque frontal e com grandes *repercussões*, à política colonial portuguesa». p. 588.

¹³³ «O teatro passa a ser considerado um serviço público, pelo que será dotado, nos termos do presente Decreto-Lei, das estruturas e meios necessários para a prossecução dos seus fins de promoção sócio-cultural e de esclarecimento político das massas trabalhadoras.» (REBELLO, 1977:185).

esparrela que lhe pregaram os ultras que o rodeavam: foi decidido pelo Governo, na mesma altura, que todos os dirigentes estudantes encontrados a promover a agitação nas Universidades e nos liceus não teriam mais adiamento do seu serviço militar, e ingressariam imediatamente na tropa... como sanção para o seu mau comportamento. Foi o melhor presente que o Governo de Salazar podia ter oferecido ao Partido Comunista para sossegar as escolas, transferiram-se os agitadores para os quartéis e para o mato. O regime entregava assim de bandeja a corda em que iria ser enforcado.

Foi um autêntico xeque ao Rei!¹³⁴

Artigos de protesto pelo envio de tropas portuguesas para África e Índia são regularmente publicados no jornal Avante.

Nos anos Sessenta o número de colonos brancos aumentou consideravelmente nas províncias ultramarinas, principalmente para Angola e Moçambique. O isolamento do País em relação aos outros estados acelerava-se. Para o historiador Oliveira Marques, na sua análise sobre a situação política de então, «a situação era praticamente controlada pela censura e pela P.I.D.E.»¹³⁵ nos finais da derradeira década salazarista.

Os intelectuais portugueses conheciam as inovações estéticas que rompiam as decadentes tradições artísticas defendidas pelo regime. Um pouco por todo o país o «aparecimento de pequenos núcleos teatrais, em torno de «teatros estúdios», traduzia a nítida consciência de que o teatro não poderia ficar confinado às páginas do texto».¹³⁶

SFNC é publicada durante a presidência de Marcelo Caetano sem ter sofrido restrições censórias. O Presidente do Conselho mostrara-se incomodado com o excessivo zelo da “Censura” sobre os textos, delegou competências na Comissão de Censura que permitiam a censura dos espectáculos teatrais.

A peça de teatro, *Sem Flores Nem Coroas* (1971), sensibiliza-nos pela sua ousadia e intensidade dramática. O autor, conhecedor dos dramas da

¹³⁴ Os factos referenciados no texto foram confirmados pelo autor em ÁLVARO CUNHAL, *Acção revolucionária, capitulação e aventura*, “Edições Avante”, Lisboa, 1994, p. 279-280. A decisão veio publicada no jornal Avante, VI série, nº 382, de Setembro de 1967. (AMARAL, op. cit., pp. 80-81)

¹³⁵ Oliveira Marques, *op.cit.*, p. 357.

¹³⁶ Oliveira Barata, *História do Teatro Português*, p.350.

população goesa que lidava com conflitos sociais e humanos fulminados por uma crise de identidade, toma por semente essa realidade e numa inquestionável profundidade dramática povoa-nos de memórias acutilantes.

CAPÍTULO III

Análise interseccionada da trilogia literária *O Signo da Ira, O Último Olhar de Manú Miranda e Sem Flores Nem Coroas*

O humanismo e a sua formação intelectual permitem-nos reconhecer em Orlando da Costa uma capacidade peculiar em conciliar o que muitos poderão considerar ainda um processo retardado. Os ocidentais, por laços históricos sustentados pela colonização, no seu relacionamento com o oriente apreciam a sua cultura segundo padrões ocidentalizados, mas do outro lado alguns escritores exibem o reconhecimento inócuo da influência portuguesa ao se exprimirem na língua de Camões.

Num artigo publicado no final dos anos 90 sobre a poesia de Vimala Devi, Mauro Neves desenvolve em poucas palavras as ambições dos escritores da segunda geração moderna. Afirma o autor do dito artigo que “a segunda geração de escritores goeses modernos foi marcada pela incerteza do seu futuro e do futuro da língua que cultivavam dentro do contexto de uma Índia unida e independente, sem os traços europeus”.¹³⁷ Nós optaríamos antes por dizer “sem os despotas traços europeus” por, já que Mauro Neves cita entre outros Orlando da Costa, o escritor citado admitir ser um indianófilo que “soube dividir (...) o amor pela Índia e o respeito por Portugal, não como país colonizador, mas como um agente de um património cultural que nos marcou”.¹³⁸ Não nos parece por isso inusitado exaltar neste passo do nosso trabalho, o seu esforço de harmonia entre culturas ocidentais e orientais sem que uma e outra reclamem estatutos preferenciais. Outro autor símbolo desta conciliação humanista, Adeodato Barreto, é visto por Orlando da Costa como o “«medianeiro entre o Oriente e o Ocidente»”¹³⁹

¹³⁷ Mauro Neves, « A poesia de Vimala Devi », Bulletin of the Faculty of Foreign Studies, Sophia University, No.34,1999, p. 101, Disponível em <http://www.info.sophia.ac.jp/fs/staff/kiyo/kiyo34/neves.pdf>, [consult. em 2008-01-24].

¹³⁸ Regina Vale, *op.cit.*, p. 294.

¹³⁹ Albina Santos Silva, *op. cit.* p. 120.

Atingimos uma etapa da nossa dissertação em que avançamos, após uma análise particularizada das obras *OSDI*, *OUOMM* e *SFNC*, para uma outra de evidenciarmos o entrelaçamento das relações de proximidade e distanciamento na referida trilogia literária.

O conteúdo diegético da trilogia *OSDI*, *OUOMM* e *SFNC* ocupa-se de acontecimentos históricos, embora ficcionados, de verosimilhança cuidada profundamente enraizados na história de Portugal e Goa. As preocupações neo-realistas de historicidade vêm da inclinação para o colectivo em desfavor dos problemas individualizados do indivíduo. Tal como afirma Carlos Reis, “com o Neo-Realismo, esses elementos adquirem, como se sabe, um relevo crucial e assumem, ao nível da elaboração da personagem, a configuração de um processo de integração do individual no colectivo”.¹⁴⁰

Os romances de Orlando da Costa objecto de estudo desta dissertação, para além do drama *SFNC*, apresentam elementos comuns: a morte, a oração, e o segredo. A morte é uma consequência da agonia, ela estabelece uma relação simbiótica com a vida porque uma e outra são constantes da humanidade. Roque Sebastião, Coinção, Leopoldina e o Pai encontram na morte o descanso para as suas esperas e sofrimentos. Todos eles foram incapazes de se revoltar contra o sistema político, a sua apatia condenou-os.

A consciência social desenvolvida pelos criadores da literatura manifestou-se em Orlando da Costa na necessidade “moral e ética”¹⁴¹ de escrever *OSDI*. Um romance escrito ao longo de dois anos marcados pela percepção do autor que o império colonial português em Goa tinha a sua presença limitada no tempo. Durante esses dois anos de redacção o povo goês, particularmente os *batcars* e os seus serviçais, os *manducares*, caminhavam em paralelo para um epílogo colonial. O amadurecimento necessário até à revelação final deste livro não implicou apenas o crescimento físico do homem mas também, a tal “aprendizagem” que Orlando da Costa considerou fundamental e aconteceu em

¹⁴⁰ Carlos Reis (1983), p. 158.

¹⁴¹ Regina Vale, *op.cit.*, p. 287.

Portugal. Se é certo que esse processo de aprendizagem ocorreu em Portugal integrado num movimento neo-realista é de suma importância reter a sua condição de indo – português que lhe configura um lugar de singularidade na literatura portuguesa e por subdivisão na literatura de temática colonialista.

Toda a construção e desenvolvimento do primeiro romance em análise patenteiam uma realização pictórica de um espaço como se o autor tingisse com palavras toda a ambiência ficcionada. O tempo da narrativa, pausado, desenrolando-se em ciclos sazonais envolve-se na descrição dos espaços numa cumplicidade arrebatadora com a dinâmica da acção. As personagens agem pausadamente e os seus problemas são comuns a todos os do seu grupo social. Essa comunhão de vivências num sentimento de solidariedade a que chamamos de proletária insere-se numa determinada função ideológica. Não existe um confronto ideológico declarado entre as personagens de *OSDI* e *OUOMM*, transparece sim na narrativa uma representação paralela do quotidiano dos lados opostos. As personagens centrais dos romances, citados não alcançam um estatuto interventivo dentro do contexto sócio-político. Apesar disso os seus comportamentos, reveladores de uma sociedade que paralelamente se está a transformar, afiguram-se-nos como “instrumentos de compreensão transformadora do mundo circundante” (TORRES, 1967:46). Sendo assim *OSDI* implica-nos numa área de revolta íntima, latente num meio social que invade o leitor de compreensão e compaixão pelas personagens; em *OUOMM* as expectativas das personagens, recalcadas pela irremediável passividade das mesmas, exigem ao narrador recorrer a outros elementos que lhes dêem mais amplitude. O jornal passa então a ser o germe da consciencialização das massas e simultaneamente instrumento da denúncia.

Estes aspectos confluem com uma das funções da comunicação literária do Neo-Realismo, conceber a obra literária com o intuito de sensibilizar e consciencializar um “destinatário massificado”.¹⁴²Veja-se que os romances *OSDI*

¹⁴²Idem. p. 205.

e, *OUOMM* remetem-nos para ângulos de visão diferentes. No primeiro romance o plano da exploração social, no segundo visões da sociedade e cultura. Sem dúvida o Neo- Realismo como florescimento cultural de preocupações socioculturais “cria uma fixação estética e ética que exerceu uma influência indubitável na visão do mundo português”.¹⁴³

Entre a publicação de, *O Signo da Ira* e, *O Último Olhar de Manú Miranda*, existe uma distancia temporal de quatro décadas. Estes dois romances prosseguem numa linha de textualização de memórias que atravessam um período da História premiando a narrativa pela crescente tensão dramática das personagens angustiadas na busca das suas raízes.

Muita coisa mudou em Portugal após o 25 de Abril de 1974 e a descolonização trouxe este enigma de sentir a mudança e a consciência da mudança. Este arcano exige que estejamos despertos, como escreve Eduardo Lourenço:

Querendo-o ou não, somos agora outros, embora como é natural continuemos não só a pensar-nos como os mesmos, mas até a fabricar novos mitos para assegurar uma identidade que, se persiste, mudou de forma, estrutura e consciência. Chegou o tempo de existirmos e nos vermos tais como somos. (2001: p.116)

Se a mensagem de Eduardo Lourenço se dirige directamente aos portugueses, também em Goa parece ser tempo de escutar e pensar sobre as palavras de Orlando da Costa:

Goa está ameaçada de perder a sua identidade, ou enfraquecer a sua identidade, não só pela convivência com outros tipos de indianos que são seus irmãos étnicos, embora com religiões e práticas sociais diferentes, mas o que é isso quando através da televisão a América também está a americanizar a Índia toda? Goa está entregue, penso eu, às suas próprias

¹⁴³ Alfredo Margarido *apud* Carlos Reis, *op.cit.* 157.

Na sua análise Carlos Reis recorreu ao autor citado pelas considerações importantes que este teceu sobre o Neo-Realismo no artigo «Uma geografia da ficção neo-realista» publicado no *Diário Popular*, Lisboa, 14-12-1978, p. 16.

mãos. O que ela pode salvar da sua identidade, ela, o povo vai continuar a salvaguardar e vai conseguir, creio. (VALE, 2004: 295)

O facto de qualquer um dos livros desta trilogia, ter sido escritos com o olhar de distanciamento físico e temporal que facilita “ordenar o campo literário” no que concerne à matéria histórica, permitiu ao escritor um espaço amplo para uma articulação credível entre os vários planos temporais da diegese de refinada elaboração estética.

Como ponto de intersecção nas obras temos o espaço geográfico – Goa – e, numa perspectiva mais abrangente, podemos ainda aceitar como traço comum o tempo de uma Goa ainda sob o colonialismo português onde pairava a sombra da guerra. O escritor, atento às evoluções políticas e sociais, porque o “olhar do romancista sobre o mundo e sobre os homens jamais é distraído ou gratuito, retira do cabedal das suas observações e das suas experiências, as personagens e as situações romanescas”.¹⁴⁴

Os espaços, as atmosferas, mesmo alguns pormenores carregados de simbolismo que o autor utiliza “tudo na narrativa é significante” como sustentava Roland Barthes”.¹⁴⁵ E significantes são as críticas implícitas de uma narrativa elaborada nas bases da autenticidade autóctone, visando ilustrar pelos símbolos, personagens e memórias a relação colonizador - colónia. Consideramos úteis para a nossa análise dois aspectos mencionados no texto de Oliveira Marques, reportados a séculos anteriores, porém determinantes para a História de Goa e em consonância com a ficcionalidade no *corpus* em estudo: a miscigenação e a mestiçagem.

Os casamentos mistos em Goa começaram por 1509. Cada casal recebia um importante subsídio ou dois em dinheiro, o que rapidamente fez aumentar o número de consórcios. Em três ou quatro anos, mais de

¹⁴⁴ Aguiar e Silva, sobre a observação da realidade pelo escritor, conclui: «Esta análise intencional e quase científica da realidade representa o desenvolvimento extremo de uma atitude de espírito comum a todo o romancista [...]» (1982,371).

¹⁴⁵ Roland Barthes, *O efeito do Real, Literatura e Realidade*, p. 90. (texto publicado pela primeira vez em *Communications*, 11, 1968).

quinhentos casamentos se haviam efectuado, a sua maioria em Goa, mas uns quantos também em Cananor e Cochim. Os noivos eram em geral artífices e soldados jovens, com meia dúzia de nobres também, enquanto as mulheres pertenciam às castas mais altas hindus. Este facto irritou naturalmente os Goeses, que encaravam as uniões com desprezo e só relutantemente ou à força davam o seu consentimento. Mais tarde aboliram-se e a política casamenteira afrouxou, mas já quando estava a surgir uma casta de mestiços devotados a Portugal e contribuindo para fazer a sua presença em *Goa várias* vezes centenária.¹⁴⁶

A regulação dos casamentos e outros actos religiosos necessitavam serem vistos pela população, essa aproximação evangelizadora da religião não é apenas a fé mas também a espectacularização seguida e efectuada pelos fiéis participantes. São referências a rituais colonizadores do ocidente descritos com maior ou menor minúcia, mais ou menos longos. Orlando da Costa nessas referências a actos religiosos, não aprofunda questões filosóficas ficando-se por pensamentos e instrumentos que marcam apenas a presença de uma religião ligada ao colonialismo português. A imagem que nos é apresentada de algumas dessas situações como, na morte das gémeas Inês e Leonor tudo foi preparado para acolher num cenário previamente preparado os que acorriam voluntariamente, mas também os outros que por qualquer acaso testemunhavam o acontecimento.

Os espaços religiosos são uma evidência que o poder eclesiástico se e a política estavam associados em Goa. A população mais humilde não deixa de prestar “vassalagem” aos senhores por respeito mas encontram nessa expressão alguma dignidade humana.

Na nave central da igreja foram armadas as duas eças cobertas de pesados panos negros com barras de seda prateada, onde foram, lado a lado, colocados os dois caixões com os topos de costas para o altar-mor, onde foi rezada missa de corpo presente pelo padre carmelita descalço, acolitado por dois jovens diáconos do seminário de rachol que balançaram com um rigor de metronomo os turíbulos de prata incensando os esquifes, enquanto o celebrante lançava a sua última bênção e fazia a encomendação das almas. (...) À falta de duas carretas funerárias disponíveis, alguém se lembrou,

¹⁴⁶Oliveira Marques, *op. cit.*, pp. 340-341.

parece que terá sido o padre Vicentino, que os caixões fossem levados por *manducares*, que haviam ocorrido em peso, vindos das mais distantes propriedades, para render a sua última homenagem a Inês *bai* e Leonor *bai*. (...). Desconfiadas por natureza, fiscalizavam palmares e valados e pareciam reconhecer cada palmo de várzea mal semeada, que lhes caísse debaixo do olhar, do mesmo modo que pareciam saber de cor quantas mangas tinham sido colhidas em anos anteriores em determinado prédio. Apesar disso, os *manducares* viam nessa presença de autoridade, de certo modo, um motivo de atenção e orgulho, pois era sinal de que a sua vida de trabalho de sol a sol não estava tão arredada da vida dos seus *batucara* como podia parecer e, por isso, sentiam-se seguros de que até um dia, ninguém era capaz de imaginar quando, podiam contar com a sua protecção. (*OUOMM*, p. 169)

No dia da festa, da igreja matriz sai a longa procissão que num passo grave, ao som da banda e entre foguetes e o estouro de *rosnem*, contorna o largo da igreja. Segurando o palio de veludo bordado a ouro e os altos círios de prata velha, os *glosara* brâmanes da confraria de Espírito Santo presidem ao cortejo, envergando as suas opas de cor de sangue de boi. A meio veio o mordomo da festa, solene e circunspecto, empunhando o bastão de prata dos mordomos. Para verem passar o seu *bacará*, todos os *manducares* acorrem à procissão, vestindo as suas melhores roupas, as mulheres cheias de adereços de latão e missangas, a gente nova com os cabelos untados de óleo de coco.

Sobre os arcos de bambu enfeitados com folhas verdes e flores de papel de cor, a procissão caminha levando atrás uma multidão de fiéis, que emprestam uma humilde grandeza àquele ritual festivo repetido ao longo dos anos. (*OSDI*, p. 76)

Em *SFNC* a didascália inicial remete-nos para um ambiente profundamente católico contrastando com o término do drama. Um espaço interior disponível a todas as horas.

*Sala de oratório da casa, onde se vêem 6 cadeiras. É já o fim do terço quotidiano e os criados retiraram-se. Sentadas em duas delas, a Mãe e a Filha, vestidas de preto, o Pai, ao fundo, apaga, uma a uma, as velas do velho oratório familiar de teca com embutidos de madrepérola e marfim. À medida que as velas se apagam, lançando na semiobscuridade o oratório, uma certa claridade avança na cena, iluminando as personagens. O sonho de Manú: Desta vez a procissão parecia imobilizada e apenas as murças coloridas esvoaçavam ao som de mil e um instrumentos musicais. Desde os metais de sopro da cansada banda do mestre Funchú aos múltiplos instrumentos de precursão, guízos e campanhas. (*SFNC*, p.25)*

A trilogia de Orlando da Costa sobre Goa não carece de desmontagens semiológicas profundas pelo axiomático paralelismo com a realidade de um universo colonial português esforçado em manter no poder institucional o epicentro. No Estado prevaleciam os interesses numa literatura de glorificação do passado que só poderia conduzir a uma glorificação do futuro. Um estudo citado por Ellen Sapega¹⁴⁷ permite-nos concluir a presença do aliciamento da opinião pública pela cultura oficial.

Não admitindo o Estado ousadias literárias que atentassem contra a cultura oficial instituída, recorriam os escritores mais audazes a implícitas perspectivas de consciencialização dos leitores. O passado histórico de Portugal extensivo às colónias portuguesas não encontra na obra de Orlando da Costa valorização patrimonial ativa que impeça o relato de uma trajetória de identidade dos autóctones compreendendo o seu discurso a desmontagem de mitos, e pré interpretações.

Mais que otimizar um desfecho para a vacilante situação política de Goa, o autor reclama do leitor/ espectador uma visão sistémica que o faça emergir da névoa sebastianina que o poder alimenta.

Orlando da Costa antecipa na trilogia em estudo a latente temática a que se refere Isabel Pires de Lima (1996:140):

O ensaísmo mítico e o vastíssimo *corpus* ficcional posterior a 74, centrado na autognose nacional, são em grande parte narrativas do “ser” da pátria, narrativas de destino, uma função de um passado e de um futuro míticos, narrativas de decadências e de renascença que, portanto, convivem problemáticamente com o “estar” da pátria.»

¹⁴⁷ Ellen Sapega (1996:101) baseia-se no artigo de Ronald Sousa, (1985) «Literature and Portuguese Fascism. The face of the Salazarist State.Preceded by Two Pre-Faces», in Hernând Vidal (ed), *Fascismo y experiencia literaria reflexiones para una recanonización*, Minneapolis, Society for the study of Contemporary Hispanic and Lusophone Revolutionary Literatures, pp.95-141.

CONCLUSÃO

A condenação oficial do Estado Português dos militares rendidos durante a Invasão de Goa punia publicamente a vergonha que o regime pretendia fazer sentir nos portugueses. Poucos falavam do assunto por medo ou por desinformação. Nestes três livros, pelas palavras escritas de Orlando da Costa temos uma outra perspectiva da História, de uma realidade que ainda nos toca. Louvamos por isso a ousadia e a qualidade literária de um artista que precocemente nos deixou.

A sua obra íntegra a literatura indo-portuguesa pela conciliação de culturas emergentes das raízes ético-culturais do autor. São experiências humanas de um espaço telúrico que deveremos analisar e discutir.

A aproximação que a sua obra possa proporcionar entre os dois territórios será sempre frutífera. A divulgação e o número de traduções dos seus livros não são ainda suficientes para que o seu nome seja mais justamente mencionado e estudado.

O nosso trabalho visou uma aproximação da literatura de Orlando da Costa a uma fase colonialista de Portugal tendo como premissas as visões de quatro ângulos: a política oficial de Portugal em relação ao Estado da Índia Portuguesa, a posição da Índia para com o mesmo território, o português colonizador em Goa e o povo Goês. Quatro aspectos considerados ao longo do trabalho e presentes nesta trilogia literária que evidenciam o carácter abrangente e pacificador que emana da personalidade do seu autor.

Atrevemo-nos a dizer, quando nos aproximamos do término da nossa dissertação que, *O Signo da Ira* fez do seu autor “o mais notório, o mais conhecido e reconhecido pela crítica literária de todos os quadrantes”¹⁴⁸, o livro garantiu-lhe a sua eterna presença como referência na literatura indo-portuguesa.

¹⁴⁸ Regina Vale, *op.cit.*, p. 288.

BIBLIOGRAFIA

1.1 Activa

COSTA, Orlando. *A Como Estão os Cravos Hoje*, Ulmeiro, Lisboa, 1984.

-----. *Podem Chamar-Me Eurídice...*, Ulmeiro, Lisboa, 1985.

-----. *O Último olhar de Manú Miranda*, Âncora Editora, Lisboa, 2000.

-----, *O Signo da Ira*, 4ª ed. Temas da Actualidade, Lisboa, 1986, (1ª ed.1961).

-----. *Sem Flores Nem Coroas*, Dom Quixote, Lisboa, 2003.

-----. *Vocações Evocações*, Editorial Caminho, Lisboa, 2004.

1.2 Passiva

AFONSO, ANICETO e GOMES, CARLOS de MATOS. *Guerra Colonial*, 4ª ed., Notícias Editorial, Lisboa, 2005, (1ª ed. 2000).

AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR. *Notas sobre o Estado Português da Índia*, Lisboa, 1954.

ALMEIDA, Teresa. «Em Busca das Raízes. Recriação do Ambiente de Goa no Último Romance de Orlando da Costa», in *Semanário Expresso*, Lisboa s/d.

AMARAL, Diogo Freitas. *O Antigo Regime e a Revolução*, Lisboa, Circulo dos Leitores, Lisboa, 1995.

AVELAR, Ana Paula Menino. *Visões do Oriente, Formas de Sentir no Portugal de Quinhentos*, Colibri, Lisboa, 2003.

BALLESTER, Gonzallo Torrente. *Sobre Literatura e a Arte do Romance*, DIFEL, Algés, 1999.

BARATA, José Oliveira. *História do Teatro Português*, Universidade Aberta, Lisboa, 1991.

BARROS, E. «Goanidade cultural Goesa», *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, v.3, n.1, 2007, disponível em

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/view/1188/1004>, [Consult. emv2008-03-14]

- BARREIROS, José António. *O Espião em Goa*, Hugin Editores, Lisboa, 2001.
- BARRETO, João. *A Palavra Transversal, Literatura e ideias no século XX.*, Cotovia, Lisboa, 1996.
- BARTHES, Roland. *O efeito do Real, Literatura e Realidade*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1980.
- BÈGUE, Sandrine. *La Fin de Goa et de l'Estado da Índia: Décolonisation et Guerre Froide dans le Sous-Continent Indien (1945-1962)*, 2 vols, Coleção Biblioteca Diplomática do MNE- Serie D, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Portugal, 2007.
- BONATI, Martinez F. “Mensajes y literatura”, in M.Á.Garrido Gallardo (ed.), *Teoria semiótica: lenguajes y textos hispánicos*, Madrid, C.S.I.C, 1984.
- CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA. *Orlando da Costa – Os Olhos Sem fronteiras*, Departamento de Acção Sociocultural – Museu Neo-Realismo, Vila Franca de Xira, 2000.
- CASTELO, Cláudia. «*O Modo Português de Estar No Mundo*», *O lusotropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*, Edições Afrontamento, Porto, 1999.
- DACOSTA, Fernando. *Máscaras de Salazar*, 12^a ed. rev. aum., Casa das Letras, Cruz-Quebrada, 2006, (1^a ed. 1997).
- DEVI, VIMALA & SEABRA, MANUEL. *A Literatura Indo – Portuguesa*, Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1971.
- DUARTE, Lélia Parreira. «O discurso da História», n.º.7, *Discursos Estudos de Língua e Cultura Portuguesa*, Coimbra, Maio 1994.
- EMINESCU, Roxana. *Novas Coordenadas no Romance Português*, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1983.
- FREYRE, Gilberto. *O Luso e o Trópico*, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique Lisboa, 1961.
- , *Novo Mundo Nos Trópicos*, Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1963.

- FURTADO, Filipe. *A Construção do Fantástico na Narrativa*, Livros Horizonte, Lisboa, 1980.
- GARMES, Hélder.org., *Oriente Engenho e Arte*, Alameda Editorial, São Paulo, 2004.
- GASTÃO, Ana Marques Gastão, Diário de Notícias disponível em http://dn.sapo.pt/2006/01/28/artes/morreu_orlando_costa_escritor_o_sign.html.
- JACKOBSON, Kenneth Davis. *A Presença Oculta, 500 Anos de Cultura Portuguesa na Índia e no Sri Lanka*, 1ª ed., Comissão Territorial de Macau Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Fundação Macau, 1995.
- LEASOR, James. *Boarding Party*, 1ª ed., Heinemann, Londres, 1978.
- LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*, 2ª ed. Gradiva, Lisboa, 2001, (1ª ed.1978).
- , *Portugal Como Destino, Seguido de Mitologia da Saudade*, Gradiva, Lisboa, 1999.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal, Das revoluções liberais aos nossos dias*, vol.2, 5ª ed., Palas Editores, Lisboa, 1978, (1º ed. 1974).
- MORAIS, Carlos Alexandre de. *A Queda da Índia Portuguesa, Crónica da Invasão e do Cativo*, 2ª ed., Editorial Estampa, Lisboa, 1995, (1º ed. 1980).
- OLIVEIRA, Anabela Dinis Branco de. «Nouveau Roman em Portugal - Máscaras Políticas de uma Recepção Literária» *Revista de Letras Anais da UTAD*, nº 2, s.d.
- PASSOS, Joana. “A ambivalência de Goa como imagem do império português e as representações da sociedade colonial na literatura luso-insiana”, *e-cadernos ces*, 1,2008.
- KLOGUEN, Denis L. Cottineau. *An Historical Sketch of Goa*, Asian Education Services, rep. Nova Deli, 1988.
- KRISTEVA, Julia. *O Texto do Romance*, Livros Horizonte, Lisboa, 1984.

- REBELO, José. *Formas De Legitimação Do Poder No Salazarismo*, Livros e Leituras, Lisboa, 1998.
- REBELLO, Luís Francisco. «Combate por um Teatro de Combate», *Seara Nova*. Lisboa, 1977.
- REIS, Carlos. *Textos Teóricos do Neo-Realismo Português*, Seara Nova, Lisboa, 1981.
- , *O Discurso Ideológico do Neo-Realismo Português*, Dissertação de doutoramento em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, Livraria Almedina, Coimbra, 1983.
- , *O Conhecimento da Literatura Introdução aos Estudos Literários*, livraria Almedina, Coimbra, 1995.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. Uma História de Regressos, Império, Guerra Colonial e Pós Colonialismo, Edições Afrontamento, Coleção: Saber Imaginar e Social/19, pp. 151-156.
- RIBEL, José Miguel. «A Cultura Literária Em Goa Como Referência da Herança Cultural Portuguesa Na Índia», *25 de Abril O Antes e o agora*, 2005.
- RODRIGUES, Urbano Tavares. *Um Novo Olhar Sobre o Neo-Realismo*, 1ª. ed., Moraes Editores, Lisboa, 1981.
- ROSENFELD, Anatol. *O Teatro Épico*, Perspectiva São Paulo, 2006.
- SACRAMENTO, Mário. *Há uma estética Neo-Realista?*, Cadernos de Literatura, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1968.
- SARAIVA, António José e Óscar Lopes. *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora, Porto, 2005.
- SASTRY, B.S., « Freedom Struggle in Goa: its Nature and Phases» in B.Sheik ALI (dir), *Goa Wins Freedom. Reflexions and Reminiscences*, Bambolim, Goa: Goa University, 1986, p.38. Disponível em <http://pay.hindu.com/ebook%20-%20ebfl20070406part4.pdf>.
- SECRETÁRIO NACIONAL da INFORMAÇÃO CULTURA POPULAR e TURISMO. *Invasão e Ocupação de Goa, Comentários da Imprensa Mundial*, 1962.

- SEIXO, Maria Alzira. *A Palavra Do Romance, Ensaios de genealogia e análise*, Livros Horizonte, Lisboa, 1986.
- SILVA, Albina Santos., «*Aprender, viver, crescer, saber juntos - actas do I simposium de língua portuguesa diálogo e culturas nº 4 e 5*», Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de ensino e língua portuguesa, Maputo, 2005.
- SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. *Teoria e Metodologias Literárias*, Universidade Aberta, Lisboa, 1990.
- , *Teoria da Literatura*, Vol. I, 4ª ed., Livraria Almedina, Coimbra, 1982.
- SILVA, Botelho (org.). *Dossier Goa. Vassalo e Silva a Recusa do Sacrifício Inútil*, Liber, Lisboa, 1975.
- TAGORE, Rabindranath. *Çaturanga, Prémio Nobel de 1913*, Trad. Cecília Meireles, Editora Opera Mundi, Rio de Janeiro, 1973
- TEIXEIRA, Rui de Azevedo. *O Leitor Hedonista*, Hugin Editores, Lisboa, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. *Poética da Prosa*, Edições 70, Lisboa, 1979.
- TORRES, Alexandre Pinheiro. *O Neo-Realismo Literário Português*, Colecção Temas e Problemas, Moraes Editores, Lisboa, 1977.
- , Romance, *O Mundo Em Equação*, Colecção Problemas, Portugália Editora, Santa Maria de Lamas, 1967.
- VALE, Regina Célia Fortuna do. *Poder Colonial e Literatura: as veredas da colonização portuguesa na ficção de Castro Soromenho e Orlando da Costa*. Tese de Doutoramento Departamento de Estudos Comparados, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

